



**Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto**  
Instituto Politécnico da Guarda

# Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

**Sara Margarida Pinheiro de Mendonça**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

30 de Novembro de 2011



**Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto**  
Instituto Politécnico da Guarda

# Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

**Sara Margarida Pinheiro de Mendonça**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Professora Doutora Teresa Fonseca

30 de Novembro de 2011

## Agradecimentos

Finalizada mais uma etapa importante da minha vida, não poderia deixar de expressar o mais profundo agradecimento a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

- Agradeço aos meus 24 alunos do pré-escolar, pelo seu bom comportamento durante o tempo de estágio em que me ausentei.
- À Professora Doutora Teresa Fonseca orientadora do trabalho, por algum do seu saber partilhado no 3º capítulo, pela orientação, paciência, total disponibilidade, e estímulos constantes para conclusão deste trabalho.
- À professora cooperante, Conceição Sousa, pelo acolhimento, disponibilidade, ajuda e interesse no meu trabalho como estagiária.
- Aos meus pais e irmão, pelo apoio e coragem que sempre me transmitiram nos momentos mais difíceis.
- À minha prima Daniela agradeço o tempo e o sorriso que me dedicou.
- Ao meu grande amigo Fernando Teixeira pela paciência e sobretudo pelo seu encorajamento, que fez com que não desistisse.
- Às crianças que tornaram possível a aquisição de saberes tão preciosos ao nível de ensino do 1.º Ciclo.
- Um muito obrigado à Associação de Jogos Tradicionais da Guarda pela receptividade e amabilidade em nos receber nas suas instalações, bem como por todo o tempo e material disponibilizado na realização de atividades com a minha turma de estágio.
- À professora doutora Urbana Cordeiro, supervisora da prática de ensino supervisionada pelo saber partilhado.
- À professora Rosa Chambel, docente na escola rural pertencente a Celorico da Beira, pela gentileza em aceitar o preenchimento dos questionários.

## Índice Geral

Introdução .....	1
Capítulo I – 1.Enquadramento Institucional – Organização e Administração Escolar .....	2
1.1. Organização e Administração Escolar .....	2
1.2. Caraterização do Meio .....	2
1.3. Caraterização da Instituição.....	4
1.3.1 Historial.....	4
1.3.2 Espaço Interior e Exterior .....	5
1.3.3. Horários de Funcionamento .....	9
1.3.4. Recursos Humanos .....	10
1.3.5. Recursos Físicos.....	11
1.3.6. Área de projeto .....	12
1.4. Caraterização da sala de aula .....	14
1.4.1 Plantada sala .....	14
1.4.2 Rotina diária – Horário das atividades curriculares .....	16
2. Caraterização Socioeconómica e Psicopedagógica da Turma .....	18
2.1. Caraterização da turma.....	18
2.2. Caraterização psicopedagógica da turma .....	21
Capítulo II – Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada .....	31
1.1. Contexto legal .....	31
1.2. Reflexão e auto avaliação .....	32
Capítulo III – Jogos tradicionais, Jogos intemporais .....	31
1. Introdução .....	32
2. O Jogo e a criança.....	33
3. Metodologia.....	38
4. Apresentação e análise de resultados dos questionários .....	43
5. Discussão de resultados .....	49
6. Conclusão .....	51
Propostas de uma prática docente.....	52
Propostas Futuras.....	58
Conclusão .....	59
Bibliografia.....	60
Apêndices .....	63

## Índice de Figuras

Figura 1 - Sala de aula F12 .....	14
Figura 2 – Profissão dos pais .....	20
Figura 3 – Regências .....	30
Figura 4 – Caracterização dos alunos quanto ao sexo .....	43
Figura 5 – Caracterização dos alunos quanto ao número de irmãos .....	44
Figura 6 – Tipo de habitação onde residem os alunos .....	45
Figura 7 – Jogos que os alunos costumam realizar .....	45
Figura 8 – Respostas sobre o que são jogos tradicionais .....	47
Figura 9 – Caracterização dos alunos quanto ao sexo .....	48
Figura 10 – Teatro sobre jogos tradicionais.....	54
Figura 11 – Jogo do Rapa .....	55
Figura 12 – Jogo da Mosca .....	55
Figura 13 – Jogo da Carica .....	55
Figura 14 – Jogo do sete e meio.....	55
Figura 15 – Diálogo na associação.....	57
Figura 16 – Jogo do Burro .....	57
Figura 17 – Jogo do Sapo e do Silva .....	57

## Índice de Quadros

Quadro 1- Espaço interior e exterior da instituição .....	5
Quadro 2- Materiais existentes, para além dos existentes nas salas .....	11
Quadro 3 - Horário das atividades curriculares da turma F12.....	17
Quadro 4 – Horário das atividades de enriquecimento curricular da turma F12.....	17
Quadro 5 – Caracterização do grupo de crianças da sala F12 .....	18
Quadro 6 – Alunos com N.E.E.....	19
Quadro 7 – Agregado familiar dos alunos .....	20

## **Siglas e Abreviaturas**

- CEB – Ciclo do Ensino Básico
- EB1 - Escola do Ensino Básico 1º Ciclo
- NEE – Necessidades Educativas Especiais
- ME – Ministério da Educação
- DEB – Departamento de Educação Básica
- A.J.T.G - Associação de Jogos Tradicionais da Guarda

## Resumo

O presente relatório final reflete o percurso de estágio desenvolvido numa turma de 15 alunos do 4º ano de escolaridade da escola do ensino básico Augusto Gil.

Após o enquadramento institucional, organizacional e administrativo do estabelecimento em apreço, segue-se a caracterização socioeconómica e sociopedagógica da turma. Assim, a turma era constituída por alunos bastante interessados e empenhados no seu trabalho, alguns dos quais referenciados com necessidades educativas especiais e que se esforçavam e obtinham resultados num processo de inclusão bem sucedido.

Sendo este relatório de estágio referente à prática de ensino supervisionada, pode ler-se uma reflexão das regências realizadas e de todos os aspetos positivos e negativos das atividades planificadas.

Por último encontra-se um estudo relativo aos jogos tradicionais. Constatando que, nos intervalos, muitas crianças brincavam individualmente com recurso a jogos das novas tecnologias, tornou-se necessário e interessante aprofundar o tema intitulado de: *“jogos tradicionais, jogos intemporais”*. Deste estudo conclui-se que os professores do 1º CEB têm um papel importante na perpetuação do património cultural dos jogos tradicionais, sendo estes um meio propiciador do desenvolvimento psicomotor da criança.

## Summary

This final report shows the teaching training practice developed within a 4<sup>th</sup> form class of 15 students at Augusto Gil Primary School.

The organizational and administrative description of the above educational institution is, then, followed by the depiction of either the social, economic and pedagogic background of the aforementioned group of pupils. In fact, during that period I dealt with quite interested and committed students. Although some of them required special needs, they tried hard and got good results in a successful inclusion process.

Bearing in mind this supervised training practice, the subsequent part consists of a collection of reflections related to the conducted classes, as well as of the pros and cons of the planned tasks.

Lastly, a study regarding traditional games is also included. As a matter of fact, it was noticeable that during breaks many children played on their own making use of new technologies, which pointed the relevance of deepening the topic: *“Traditional games, atemporal games”*. In brief, primary school teachers also play an important role in their cultural preservation, and their use is an excellent means to improve children’s psycho-motor development.

## **Introdução**

Sabemos que o homem é um ser social que nasce, cresce e se desenvolve no seio da sociedade tendo assim, necessariamente, de aprender a viver nessa mesma sociedade.

A educação faz parte da vida do indivíduo desde que nasce, sendo as primeiras aprendizagens do indivíduo feitas no seio da família, passando depois a fazer novas aquisições quando vai para a creche, jardim-de-infância, escola do 1º CEB, continuando o seu processo de ensino e aprendizagem ao longo dos outros ciclos.

A capacidade de aprender desenvolve nos alunos competências, sendo esse o grande objetivo do professor e de todo o processo de ensino e aprendizagem.

No sentido de refletir sobre o meu duplo papel de aluna e professora, realizado na minha prática educativa de estágio do 1º CEB, emergiu o presente relatório de estágio. Esta prática teve início a 1 de Março de 2011 e terminou a 15 de Junho do ano 2011, na escola do ensino básico Augusto Gil, mais propriamente na sala F12, do 4º ano de escolaridade, com 15 alunos.

# **Capítulo I**

## **1. Enquadramento Institucional – Organização e Administração Escolar**

### **1.1 - Organização e Administração Escolar**

A Escola do Ensino Básico Augusto Gil (Escola EB 1 Augusto Gil) localiza-se na cidade da Guarda e pertencente à freguesia da Sé.

A Escola EB 1 Augusto Gil é uma instituição de carácter público, ou seja, pertence à rede pública do Ministério da Educação, mais especificamente à direcção regional de educação do centro, ao agrupamento de escolas da área urbana da Guarda, que em 5 de Julho de 2003, por despacho do Sr. Secretário de Estado da Administração Educativa foi transformado em Agrupamento Vertical, com sede na Escola Básica de Santa Clara.

Este agrupamento integra estabelecimentos de ensino do pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico.

A administração e gestão do agrupamento de escolas são asseguradas por órgãos próprios, aos quais cabe cumprir e fazer cumprir os princípios e objetivos previstos nos artigos 3º e 4º do Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de Abril.

### **1.2 - Caracterização do Meio**

A Escola do Ensino Básico Augusto Gil (Escola EB 1 Augusto Gil) localiza-se na cidade da Guarda.

Intitulada cidade dos cinco F's - Forte, Farta, Fria, Fiel e Formosa, a Guarda é uma cidade portuguesa, capital de distrito, pertencente à região centro. Localizada na província da Beira Alta, confinante com os concelhos de Celorico da Beira, Pinhel,

Sabugal, Manteigas e Belmonte, trata-se de um concelho de dimensão média, composto por cinquenta e duas freguesias rurais e três urbanas (freguesia da Sé, freguesia de São Vicente e freguesia de São Miguel) que compreende três bacias hidrográficas: Mondego, Côa e Zêzere.

De acordo com informação disponibilizada no site oficial da Câmara Municipal da Guarda (s/d) podemos referir que esta situa-se no último esporão Norte da Serra da Estrela, sendo a altitude máxima de 1056 m (na Torre de Menagem do Castelo) e corresponde à cidade mais elevada do país, com domínio visual dos vales do Mondego e do Côa, o que cedo se manifestou como carácter preponderantemente defensivo. Foi a posição de destaque da cidade face ao território envolvente e compreendendo a importância de uma cidade poderosa no local em questão que levou D. Sancho I a atribuir foral à Guarda, a 27 de Novembro de 1199, visando o seu desenvolvimento e prosperidade. É caracterizada por uma paisagem, da qual faz parte a reserva natural da Serra da Estrela que proporciona excelente contato com a natureza (que se pode usufruir para visitas de estudo, proporcionando aos alunos um enriquecido contato com a natureza).

A cidade tem vários monumentos arquitectónicos, maioritariamente no centro histórico, sendo os principais: a Sé Catedral, a Igreja da Misericórdia, a capela do Mileu, a Torre dos Ferreiros, o Antigo Paço Episcopal, a Torre de Menagem, entre outros.

Segundo informação disponível no *site* oficial da Escola EB 1 Augusto Gil (s/d), podemos referir que a mesma se situa no centro da cidade, mais propriamente no Largo João de Deus, pertencendo à Freguesia da Sé.

O que caracteriza esta freguesia é o seu riquíssimo património que simboliza bem um passado de grande riqueza. O monumento que lhe dá o nome é a Sé Catedral que, segundo Adriano Vasco Rodrigues, é o melhor símbolo da cidade: sóbrio e cheio de personalidade como o povo serrano, tem o ideal da sua gente, tem a beleza inconfundível da serra nas formas artísticas de granito escuro, onde perpassa a majestade dos antigos fidalgos beirões, rudes e francos, leais e fortes, simples e místicos (s/d).

Os serviços públicos pertencentes a esta freguesia são: os correios, a esquadra da polícia, a câmara municipal, bem como vários espaços comerciais. O principal motivo

de destaque em termos de património cultural é a proximidade com o Teatro Municipal da Guarda, o Museu e o Governo Civil. A localização da Escola EB 1 Augusto Gil, junto destes serviços, pode contribuir para a promoção de conteúdos dos docentes aos seus alunos, com a realização de pequenas visitas locais, onde as crianças vivenciarão experiências significativas, como por exemplo, visita à estação dos correios, onde a criança fará aprendizagens significativas sobre a distribuição e funções deste serviço.

## **1.3 - Caraterização da Instituição**

### **1.3.1 Historial**

De acordo com informação disponibilizada no site oficial da Escola EB1 Augusto Gil (s/d), podemos referir que a escola EB1 Augusto Gil, localizada no Largo João de Deus, onde se encontra presentemente, nem sempre aí funcionou. Remetendo para o seu passado histórico, em 1962, foram criados dois lugares femininos na Escola Particular do Asilo da Infância Desvalida, situada na Rua Soeiro Viegas, que recebia as crianças do então asilo e crianças das Lameirinhas, da Quinta da Costa, do Pombo, e da área envolvente.

Mais tarde, em 1969, estes dois lugares foram extintos e criadas as Escolas número dois, feminina, e número três, masculina, que funcionava provisoriamente no edifício do antigo tribunal (hoje Paço da Cultura). Essas instalações estavam muito degradadas e a Escola passou a funcionar, em 1970, no edifício da antiga Escola Comercial e Industrial localizada atrás da Sé. Os lugares foram aumentando e, nos finais de 1976, a Escola passou a funcionar na escola do Magistério Primário com o número dois, já escola mista.

O edifício onde se localiza a EB1 foi fábrica de seda e mais tarde, em 1927, funcionou o liceu da Guarda, que após grande remodelação, foi adaptado a Escola do Magistério Primário e no ano de 1975/76 foi transferida para o edifício do Colégio do Sagrado Coração de Maria.

Apenas, nesta altura, em 1976/77, foi instalada neste edifício a EB1 número dois que não era conhecida por EB1 Augusto Gil, pois só em 1977 foi escolhido este nome pelos professores que leccionavam na altura e que a baptizaram com o nome Augusto Gil em homenagem ao poeta da «Balada da Neve». Podemos dizer que as instalações próprias para escola do 1º Ciclo do Ensino Básico só se concretizaram, com a grande remodelação do edifício efetuada nos três últimos anos (entre 1998 e 2001). Assim, só no dia 17 de Setembro de 2001

se inaugurou a escola com pompa e circunstância com a presença das autoridades locais e regionais ligadas ao Ministério da Educação (s/p).

### 1.3.2 - Espaço Interior e Exterior

A escola, acentua Coménio (s/d) citado por Filipa Rocha (2008, p.28) deve ser um lugar agradável, apresentando, no exterior como no interior, um aspecto atraente.

No interior, deve ser um edifício fechado, bem iluminado e limpo.

No quadro 1, estão referidas as infra-estruturas, registadas através de observação direta bem como aspectos a salientar relativos ao espaço interior e exterior da instituição, na qual realizei o meu estágio.

Quadro 1- Espaço interior e exterior da instituição.

Local Observado	Piso	Enumeração e /ou comentário
Recreio	Espaço exterior	<p>Este espaço, é um espaço ao ar livre e como o próprio nome indica destina-se aos recreios das crianças.</p> <p>Sempre que as condições climatéricas assim o permitirem pode ser fonte de experiências novas e enriquecedoras para as crianças, tornando-se um espaço igualmente educativo, pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer. Tal como refere Hohmann (2004, p. 106), uma ida à rua proporciona à criança uma mudança completa de cenário”, “com coisas diferentes para ver e mudança de temperatura e de movimentação para experimentar”.</p>

**Quadro 1- Espaço interior e exterior da instituição (continuação).**

		<p>O recreio é espaçoso, e está limitado por um muro consideravelmente alto com grades, contribuindo para a segurança pois impede as crianças de saírem para o exterior. Neste local existe uma caixa da areia; um cesto de Basquete e as marcações relativas ao jogo e uma macaca desenhada no chão. Há também 3 árvores, sem muita ramagem que não dão ao espaço muita sombra, necessária essencialmente no Verão.</p> <p>Há neste espaço uma área coberta, que pode ser utilizada quando chove ou quando o sol é demasiado forte que vai desde o portão de entrada na escola até ao hall do interior.</p>
Hall de entrada		<p>Este espaço destina-se a receber as crianças, e é aqui que os pais deixam e recebem os seus filhos, podendo haver inter-acção com outros pais ou com os próprios profissionais de educação. Possui janelas, portas e algumas paredes de vidro, que permitem a entrada de luz natural bem como a visibilidade para o exterior. Neste espaço há acesso ao 1º andar através do elevador ou de escadas, bem como e à sala polivalente.</p>
Sanitários		<p>Neste local existem sanitários para as crianças de ambos os sexos. Existem ainda chuveiros, necessários e importantes para alguma eventualidade. Estes locais não foram visualizados interiormente.</p>
	Rés-do-chão	<p>Esta sala tem uma vasta área, com espaldares na parede.</p> <p>A sua iluminação é essencialmente artificial, já que</p>

**Quadro 1- Espaço interior e exterior da instituição (continuação).**

Sala polivalente		<p>não desfruta de muita luz natural.</p> <p>Existem 3 portas neste espaço: uma de acesso à sala, outra de acesso a uma arrumação para material de expressão físico motora e uma terceira de acesso a um auditório. Esta sala pode ser utilizada, para além do desenvolvimento de atividades físico motoras, nos dias de chuva e frio, ou seja, quando os recreios não possam ser no espaço exterior.</p>
Escadas		<p>Na instituição existem escadas desde o rés-do-chão até ao 1ºandar e desde o 1ºandar até ao 2ºandar.</p> <p>Há também umas escadas neste piso que têm ligação à polícia de segurança pública.</p>
Sala de Apoio de Ensino Especial	1.º Andar	<p>A sala possui uma janela, computadores, um quadro e uma mesa de trabalho com as respectivas cadeiras.</p> <p>Nesta sala são apoiadas crianças com necessidades educativas especiais (NEE), pela Professora Emília.</p>
Salas de aula		<p>Existem neste piso 7 salas de aula, sendo que algumas, e tendo em conta o número de alunos, são consideravelmente pequenas.</p>
Sanitários		<p>A Instituição possui neste piso sanitários para o sexo feminino, masculino e um referenciado para crianças com (NEE) que é utilizada pelos adultos. Todas elas possuem lavatórios, sanitas, doseador de sabonete líquido, toalhetes de papel, bem como caixotes do lixo.</p>
Sala de Pessoal Auxiliar		<p>Nesta sala existem cadeiras, um caixote do lixo, mesas e cacifos, para arrumação de bens pessoais de cada auxiliar.</p>

**Quadro 1- Espaço interior e exterior da instituição (continuação).**

Elevador	Rés-do-chão, 1º e 2º andar	Há na instituição um elevador desde o rés-do-chão até ao 2º andar. O elevador é essencial para transportar crianças com NEE, pois podem ser limitadas em termos motores.
Sala de terapia da fala e unidade de ensino estruturado de autismo		<p>Esta sala funciona em espaços específicos organizados em áreas funcionais estruturados e adequadas aos objetivos a trabalhar com crianças com NEE, de modo a que estas consigam ser o mais autónomas possível, percebam a sua rotina e sejam assim estimuladas.</p> <p>Esta sala apoia assim crianças que necessitem de terapia de fala, bem como crianças autistas, sendo esta última NEE, apoiada no distrito da Guarda apenas nesta escola, recebendo assim crianças autistas de outras escolas.</p>
Biblioteca	2º Andar	<p>Ao entrar na biblioteca temos um balcão, onde está uma auxiliar de acção educativa, responsável por este espaço, com um computador, uma impressora e onde se podem requisitar livros e revistas.</p> <p>Existem estantes e armários com: livros, revistas, jogos educativos de mesa e software de natureza didáctica. Possui um local com computadores, para os alunos usufruírem e outro com mesas, cadeiras e sofás para poderem ler livros. A biblioteca possui também uma televisão, um leitor de dvd's, um videoprojector e uma tela. A biblioteca contribui para a formação do aluno, e colabora na ação do professor, já que constitui um espaço privilegiado de</p>

**Quadro 1- Espaço interior e exterior da instituição (continuação).**

		aprendizagens curriculares e completa essas aprendizagens, através do desenvolvimento de trabalho de pesquisa e de aquisição de informação.
Pavimentos		Há diferentes pavimentos na instituição, consoante as divisões. Nas salas o pavimento é de madeira (não sendo facilmente lavável), nas casas de banho o pavimento é mosaico (facilmente lavável).
Sala de Expressão Plástica e arrecadação		Nesta sala há mesas, cadeiras e uma porta para uma arrecadação, onde se guardam materiais de expressão plástica. Há também um lava loiça, essencial na lavagem de pincéis. Nesta sala, para além das atividades de expressão plástica, é também realizado convívio entre os docentes no intervalo da manhã.
Corredores das salas		Existem placards, com cartazes informativos e outras informações. Existem também cabides ao nível da criança, para que possam pendurar os seus casacos.
Toda a instituição possui aquecimento central, com aquecedores fixos nas paredes, extintores para combate de incêndios e sinalização de segurança e saída rápida do edifício.		

### **1.3.3 Horários de Funcionamento**

O horário de funcionamento da Escola EB 1 Augusto Gil é das 08h 30m às 12h 30m e das 13h às 18 horas.

Para atendimento aos Encarregados de Educação foram estipuladas todas as primeiras Quintas-feiras do mês, entre as 16 h10 m e as 17 h e 55 m.

### **1.3.4 Recursos Humanos**

No ano lectivo 2010/2011 a Escola EB 1 Augusto Gil possui como recursos humanos, o pessoal docente, constituído por 10 professores e o pessoal não docente, constituído por 5 auxiliares de acção educativa, bem como por 129 alunos.

A organização curricular ocorre nos 4 anos de escolaridade, sendo 129 alunos, dos quais 27 frequentam o 1º ano de escolaridade, 47 o 2º ano de escolaridade, 22 o 3º ano de escolaridade e 33 o 4º ano de escolaridade.

No que se refere aos docentes, na escola Augusto Gil, leccionam o 1º ano de escolaridade a docente Maria Piedade Soares e a docente Olívia Cunha, o 2º ano de escolaridade a docente Maria José Ricardo, o 3º ano de escolaridade as docentes: Suzete Almeida, Maria Leonor, Ilda Serrano e a docente Maria da Conceição Pires e Sousa sendo que a docente Maria da Conceição Pires e Sousa assume a função de coordenadora do estabelecimento. No 4º ano de escolaridade leccionam a professora Maria da Conceição Pires e Sousa e a professora Ilda Serrano.

Como docentes do Ensino Especial a escola conta com a professora Emília Gonçalves e a professora Carla Pissarra.

Como docente do apoio educativo a escola conta com a professora Edite Santos.

Relativamente às docentes da UEEA (Unidade de Ensino Estruturado de Autismo) a escola possui 3 professoras: Amélia Neves, Palmira Baltazar e Rosário, leccionando esta última docente em tempo parcial, já que também apoia crianças com NEE (necessidades educativas especiais) noutras escolas.

Quanto às 5 assistentes operacionais da escola auxiliam a acção educativa nas salas do rés-do- chão e 1.º andar as assistentes operacionais: Cristina Godinho, Dulce Helena Ataíde, Isabel e Maria do Carmo. A assistente operacional auxiliar Cristina Godinho para além das funções referidas colabora na viabilização de tarefas essenciais ao favorável funcionamento da escola, implicando a saída da escola e trabalho administrativo. Acompanha também as crianças que almoçam na cantina da Câmara Municipal da Guarda.

Finalmente, temos a auxiliar de acção educativa nas salas do 2.º andar, Anabela Leal, que colabora nas actividades de Biblioteca, de Ludoteca, bem como na utilização das novas tecnologias da informação e comunicação.

Todas as assistentes operacionais auxiliares de acção educativa cooperam na vigilância dos intervalos, segundo informou a docente Maria da Conceição Pires e Sousa.

### 1.3.5 Recursos Físicos

Para além de mobiliário adequado à faixa etária de cada criança, o quadro, placards e um computador existente em cada sala, os recursos físicos existentes na instituição são variados, reportam à acção pedagógica para diversas áreas, e podem ser requisitados visando apoiar as actividades educativas. No quadro seguinte estão designados os diferentes tipos de materiais existentes, para além dos que há nas salas, sendo que não foi observado através de observação directa foi referido pela docente Maria da Conceição Pires e Sousa.

**Quadro 2- Materiais existentes, para além dos existentes nas salas.**

<b>Tipo de material</b>	<b>Designação</b>
<b>Material de Novas Tecnologias</b>	Videoprojector; retroprojector
	Computadores; impressoras
	Televisão
	Leitor de DVD
	Software (jogos, enciclopédias)
	Máquina fotográfica

Quadro 2- Materiais existentes, para além dos existentes nas salas (continuação).

<b>Tipo de material</b>	<b>Designação</b>
<b>Material Desportivo</b>	Bolas, colchões, arcos, pinos.
<b>Material Musical</b>	Instrumentos musicais, maracas, xilofones
<b>Material Estruturado (Matemática)</b>	Blocos lógicos, material cuisenaire,
<b>Material de Laboratório</b>	Algum
<b>Material existente na Biblioteca</b>	Jogos educativos, livros, revistas

### **1. 3.6 Área de Projeto**

Visando responder a necessidades identificadas no processo de formação e desenvolvimento dos alunos, são três as áreas curriculares não disciplinares (área de projecto; estudo acompanhado e formação cívica).

De acordo com a Organização Curricular e programas Ensino Básico- 1º Ciclo, 2004, refere que:

a área de projecto, esta visa a concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos (p.18).

O tema escolhido pelos docentes, para a Área de Projecto dos Jardins-de-Infância e Escolas Básicas do 1º Ciclo do Agrupamento de Escolas da Área Urbana da Guarda, foi: “Sustentabilidade no Planeta Terra”.

Após uma leitura e análise do documento fornecido pelas docentes, segue-se uma síntese do mesmo.

Presentemente, com a exploração de recursos excessiva efectuada pelo homem, todos sabemos que o nosso planeta possui graves problemas ambientais, situação que estimulou nas sociedades uma consciência ecológica e o consequente conceito de desenvolvimento sustentável.

A educação tem assim por imposição um novo papel na sensibilização dos problemas planetários.

A escola deve procurar inculcar valores nos alunos e prepará-los para que se tornem elementos críticos e dinâmicos na resolução dos problemas ambientais que surjam na sociedade. Posto isto, o trabalho de Área de Projecto foi elaborado para ser desenvolvido no próximo quadriénio (2009/2013) e a sua implementação pressupõe o estudo dos quatro elementos naturais essenciais à vida: sol, terra/solo, água e ar.

As datas/períodos previstos para o desenvolvimento do trabalho são as seguintes: O sol; 2010/2011 – A terra/ o solo; 2011/2012 – A água; 2012/2013 – O ar.

Sem nunca esquecer a articulação entre ciclos e comunidade em geral, o Agrupamento de Escolas pretende que este projecto seja dinamizado por toda a comunidade educativa envolvendo o pré-escolar e o 1º ciclo. Para que tal aconteça foram definidas competências bem como atividades previstas a serem trabalhadas em cada ano lectivo.

A avaliação será realizada em conjunto com as atividades do Plano Anual de Atividades.

## 1.4- Caracterização da sala de aula

Na opinião de Alcatrão (1985)

a sala de aula é realmente o espaço pedagógico próprio da turma. É como que o “ventre materno”, o lugar em que todos os seus elementos, os alunos, se encontram em gestação educativa através da interação do desenvolvimento e da aprendizagem (p.142).

### 1.4.1 Planta da sala

A figura que se apresenta, mostra esquematicamente a planta da sala de aula

F12.

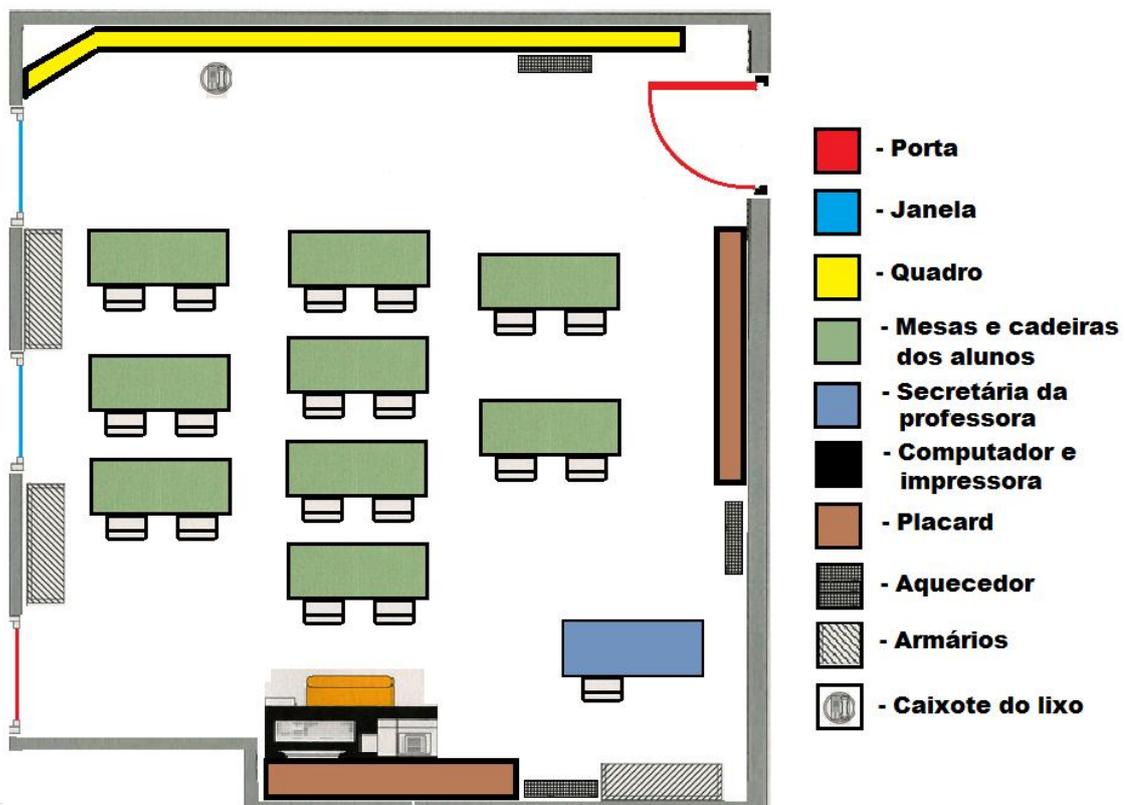


Figura 1:Sala de aula F12.

A sala de aula desfruta de espaço suficiente para os 15 alunos que a frequentam, bem como de mobiliário, mesas, cadeiras e armários (onde são arrumados materiais pedagógicos, e caixas individuais de cada aluno com o seu material). Tal como defende Arribas (2004), os materiais educativos servirão de apoio no processo de ensino e aprendizagem e deverão possibilitar ao aluno aquelas acções que lhe permitam mover-se, observar, criar, analisar e comparar.

Tal como se pode ver na figura 1, a sala de aula nº3 possui três janelas, que permitem a entrada de luz natural, sendo assim bastante iluminada.

Nos dois placards que se encontram nas paredes, e nas próprias paredes, estão expostos desenhos feitos pelos alunos, assim como registos de conteúdos ensinados.

Penso que os placards podem ser considerados instrumentos de trabalho da sala de aula, sendo o conteúdo da sua exposição bastante mais rico e lucrativo do que, por exemplo a exposição de cartazes, ou de qualquer elemento decorativo que não fosse feito pelo aluno. Desta forma, para além de consolidar conteúdos adquiridos neles expostos (registos), o aluno, ao visualizar exposto o seu trabalho reconhece a sua importância, sentindo assim orgulho em si, bem como vontade de se esforçar no sentido de fazer cada vez melhor, quer os registos quer os desenhos, tornando o ambiente educativo da sala de aula mais aprazível, o que em termos de educação estética também é importante, e tal como preconiza Arribas (2004), o fato de a sala estar decorada favorece à criança a percepção visual e a educação estética.

As mesas, estão distribuídas por três filas viradas para os três quadros da sala.

Ao fundo da sala, tal como se pode ver na figura 1, encontra-se a mesa da docente com a respectiva cadeira e uma mesa com uma impressora e um computador tendo ligação à internet. Penso que a existência de um computador com ligação à internet é muito importante não só, porque a sua utilização irá permitir à criança aprender, através da descoberta e da investigação, não a limitando à audição de conteúdos, por parte do professor, que numa perspectiva tradicional, apenas tinha ao seu dispor giz, quadro, folhas, mas também pelo fato de atualmente as crianças, a partir de uma faixa etária baixa, estarem habituadas a lidar com os recursos tecnológicos, fazendo-o com bastante naturalidade.

Tal como refere Adell (1997, citado por Brás, 2003, p.38) “as tecnologias de informação e comunicação (TIC) não são mais uma ferramenta didáctica ao serviço dos professores e alunos... elas são e estão no mundo onde crescem os jovens que ensinamos”.

### **1.4.2 Rotina diária - Horário das atividades curriculares e de enriquecimento curricular**

As rotinas diárias apresentam-se como um dos elementos essenciais à organização das aprendizagens e tal como nos é referido por Araújo, 2007, ela surge com:

o intuito de proporcionar à criança uma sequência de conhecimentos que esta possa seguir e compreender, a rotina diária deve ser consistente para que a criança tenha oportunidade de aceder a tempo suficiente para levar a cabo os seus interesses, fazer escolhas, tomar decisões e resolver eventuais problemas. É importante não esquecer que nunca poderá deixar de ser flexível, deve ser capaz de integrar nos planos gerais do adulto para cada parte do dia, a espontaneidade da criança que molda a experiência fazendo com que a mesma tome rumos que nem o adulto consegue prever (p.11).

O quadro nº 3 diz respeito aos tempos lectivos das atividades curriculares e atividades de enriquecimento curricular da turma F12, tempos que me foram informados pela professora Conceição.

Este horário é susceptível de ser alterado, já que é flexível e pode haver necessidade de se adaptar às necessidades dos alunos ou à leccionação de determinado conteúdo.

**Quadro 3 - Horário das atividades curriculares da turma F12.**

	<b>Dias da semana</b>					
<b>Período</b>	Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
<b>Manhã</b>	9:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
	10:30	Intervalo				
	10:50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
	12:00	Almoço				
<b>Tarde</b>	14:00	Estudo do Meio				
	15:00	Intervalo				
	16:00	Expressões	Expressões	Expressões	Expressões	Expressões

**Quadro 4 – Horário das atividades de enriquecimento curricular da turma F12**

	<b>Dias da semana</b>				
Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
16:10	Expressão Artística	Apoio ao Estudo	Expressão Plástica	Inglês	Act. Fís. Desp.
10:50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
17:05	Expressão Artística	Inglês	Expressão Plástica	Apoio ao Estudo	Act. Fís. Desp.

## 2. Caraterização Socioeconómica e Psicopedagógica da Turma

### 2.1 Caraterização da turma

*“A turma, de fato, como lugar de encontro dos dois principais agentes do processo educativo, o educador e o educando, exerce uma grande influência no desenvolvimento e na aprendizagem”* (Alarcão, 1985, p. 142).

Sendo a turma um local de encontro entre alunos e professores, a observação e posterior caraterização dos seus alunos por parte do professor é crucial para que o processo de ensino e aprendizagem se centre nos interesses e necessidades dos alunos em questão. A caraterização dos alunos que se sucedem, foi realizada no mês de Março através da observação direta.

**Quadro 5 – Caraterização do grupo de crianças da sala F12**

<b>Ano de Escolaridade</b>	<b>Género Masculino</b>	<b>Género Feminino</b>	<b>Total</b>	<b>Comentário:</b>
4º Ano	7	8	15	Estamos perante um grupo heterogéneo de 15 crianças do 4ºano de escolaridade, onde predomina o sexo feminino.

Constitui nota de preocupação dois alunos que necessitam frequentar o ensino especial, ao abrigo do Decreto-Lei nº3/2008, de 7 de Janeiro.

Os alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente beneficiam das medidas de regime educativo, tal como se pode verificar no quadro 5.

**Quadro 6 – Alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente (informação facultada pela docente Conceição Sousa)**

<b>Aluno</b>	<b>Género</b>	<b>Tipo de NEE</b>	<b>Medida Curricular</b>
A	Masculino	Autismo	O aluno autista beneficia de terapia da fala, acompanhamento por uma docente da unidade de ensino estruturado de autismo, dentro da sala e na sala dessa mesma unidade (uma vez por semana cada um dos acompanhamentos).
B	Masculino	Hiperatividade	Esta criança, associada à sua hiperatividade possui défice de atenção e dificuldades de aprendizagem, beneficiando assim de um plano de acompanhamento individualizado, dentro da sala com uma professora de apoio.

O quadro 7 que se apresenta adiante, refere-se aos dados alusivos ao agregado familiar dos alunos, de acordo com informação facultada pela docente Conceição Sousa.

Quadro 7 – Agregado familiar dos alunos.

Agregado Familiar	Número de crianças	Comentário:
Pai e mãe	2	Tendo em conta os dados evidenciados no quadro, pode-se dizer que 2 alunos vivem com os pais; 8 alunos vivem com os pais e um irmão; 1 aluno vive com os pais e com mais do que um irmão; 1 outro aluno vive com os pais uma irmã e avó, e por fim dois alunos vivem apenas com a mãe e irmãos.
Pai, mãe e irmão(a)	8	
Pai, mãe e irmãos	1	
Pai, mãe, irmã e avó	1	
Mãe, irmão(a)	1	
Mãe, irmãos	2	
<b>Total</b>	<b>15</b>	

Em seguida apresenta-se um gráfico representativo da profissão dos pais. Contudo não foi possível aceder a dados de quatro dos pais, pelo que os mesmos não se encontram representados na figura 2.

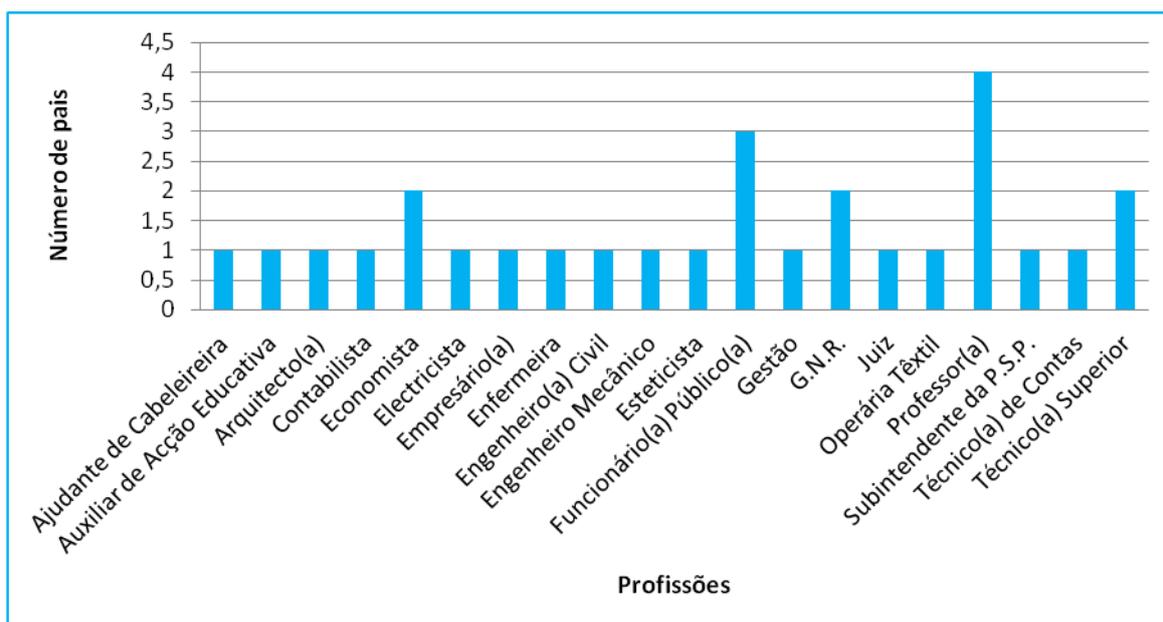


Figura 2: profissões dos pais

As profissões dos pais variam entre si, sendo a profissão de professor (a) aquela que prevalece. A profissão de funcionário (a) público (a), é exercida por 3 pais, a profissão empresário, técnico (a) superior, empresário (a), G.N.R, auxiliar de acção educativa e economista é exercida por dois pais em cada uma. As restantes profissões são exercidas apenas por um dos pais.

## **2.2. Caracterização psicopedagógica da turma**

No que diz respeito à caracterização psicopedagógica da turma, tendo como fator influenciador os alunos que a comportam, esta transmite um clima harmonioso, entre todos, ou seja, não há comportamentos agressivos nem individualistas entre os alunos sendo que todos se relacionam com respeito e há uma notória partilha e interajuda entre todos.

São alunos bastante interessados e empenhados no seu trabalho e mesmo os alunos referenciados com NEE, se esforçam e dentro das suas características pessoais mostram resultados, sendo que todos solicitam a ajuda do adulto para esclarecerem as suas dúvidas.

É uma turma que se motiva com relativa facilidade pelas atividades que estejam a ser desenvolvidas, revelando curiosidade, motivação e interesse pela aprendizagem.

De uma maneira geral todos gostam de participar oralmente nas atividades, fazendo-o com empenho, embora uns os façam de forma espontânea e outros apenas quando solicitados pelo adulto.

## **Capítulo II**

### **1. Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada**

#### **1.1. Contexto legal**

O Decreto de Lei nº.43/2007 de 22 de Fevereiro, refere que o Programa do XVII Governo atribui prioridade às políticas que visam superar os défices de qualificação da população portuguesa. Essa qualificação exige um corpo docente de qualidade, cada vez mais qualificado e com garantias de estabilidade, estando estreitamente articulada com a qualidade da qualificação dos educadores e professores.

Na delimitação dos domínios de habilitação para a docência privilegia-se, neste novo sistema, uma maior abrangência de níveis e ciclos de ensino a fim de tornar possível a mobilidade dos docentes entre os mesmos.

Esta mobilidade permite o acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores por um período de tempo mais alargado. É neste contexto que se promove o alargamento dos domínios de habilitação do docente generalista que passam a incluir a habilitação conjunta para a educação pré-escolar e para o 1º ciclo do ensino básico.

Com a transformação da estrutura dos ciclos de estudos do ensino superior, no contexto do Processo de Bolonha, este nível será agora o de mestrado, o que demonstra o esforço de elevação do nível de qualificação do corpo docente com vista a reforçar a qualidade da sua preparação e a valorização do respetivo estatuto socioprofissional.

Neste sentido, o novo sistema de atribuição de habilitação para a docência valoriza, de modo especial, a dimensão do conhecimento disciplinar, da fundamentação da prática de ensino na investigação e da iniciação à prática profissional.

Valoriza-se a área de iniciação à prática profissional consagrando-a, em grande parte, à prática de ensino supervisionada, dado constituir o momento privilegiado, e

insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade.

Passando por todo este processo seguidamente encontra-se a minha reflexão e auto avaliação no que diz respeito à minha prática de ensino supervisionada.

## **1.2. Reflexão e auto avaliação**

A realização deste estágio foi, sem dúvida, essencial para a minha formação profissional, que se iniciou, através da observação. A minha observação permitiu-me recolher informações, conhecendo assim alguns aspectos significativos da realidade escolar, da escola, do meio que a circunda, da sala de aula, bem como dos meus futuros alunos.

A maior parte dos professores pratica, ainda que empiricamente a observação.

Quando na sala propomos aos alunos que realizem determinadas tarefas e observamos o modo como eles as executam, estamos automaticamente a focar a nossa atenção em algum aspeto do aluno que sentimos necessidade de observar.

Ao fim de pouco tempo, distinguimos os que lêem bem, os mais calmos os mais agitados, os mais trabalhadores, dos outros.

A observação permite a recolha de informação, enquanto decorre o processo de ensino e aprendizagem, sobre o desempenho do aluno. Considero-a crucial não só numa fase inicial, mas ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem, daí que embora tenha sido o meu ponto de partida, nunca tenha sido deixada de parte.

Posteriormente e não esquecendo a importância da planificação lectiva, para um ensino de qualidade, enquanto docente, iniciei este processo, orientei as minhas atividades e defini os períodos de tempo na exploração dos diferentes conteúdos a alcançar. Como reitera Arends (1995, p.67), a planificação determina em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas aulas, ou seja, ela é crucial em todo o processo de ensino e aprendizagem, ajudando o professor nas suas práticas pedagógicas.

A elaboração das minhas planificações foi sendo acompanhada pela professora cooperante e pela professora supervisora, que me permitiu corrigir algumas lacunas e tornar-me cada vez mais autónoma na sua elaboração. Penso que sem este acompanhamento não me teria sido tão fácil e enriquecedor a adaptação a uma nova estrutura de planificação e definição de diferentes objetivos e competências com os quais não estava tão familiarizada, contrariamente às planificações que fazem parte do meu quotidiano enquanto docente do pré-escolar.

Importa referir que embora importante e orientadora a planificação é sempre flexível e susceptível a alterações, tendo em conta as necessidades e interesses dos alunos.

Na planificação número 11, na aula de língua portuguesa, após a exploração da imagem, um aluno inventou uma história de longa duração, que prendeu a atenção de todos e a qual não travei, embora não fosse esse o objetivo da planificação, resolvi deixa-lo continuar a contar a sua história, já que foi promovida a oralidade e interação entre todos.

Dada a importância exploratória para a aquisição de conhecimentos ao iniciar o processo de regência tentei sempre, quer na realização da planificação, quer no decorrer das aulas nunca me esquecer que a criança é o centro, tendo assim um papel activo na construção dos seus próprios conhecimentos e contribuindo para o desenvolvimento da sua própria criatividade, ultrapassando a imitação, como defende Rocha (1998) é necessário ultrapassar a *mimésis* e chegar à *poiesis*.

Passo a referir alguns exemplos concretos, que constam do meu *dossier* de estágio.

Na planificação número 1, explorei o conhecimento explícito através de um jogo, onde todas as crianças participaram activamente visto que tiveram de responder às questões, através da organização dos cartões. Por outro lado foi-lhes pedido também a correção e verificação das respostas dos colegas.

Na planificação número 7 dei oportunidade às crianças de criarem e explorarem a massa de sabonete. Todas as crianças adoraram modelar a massa de sabonete, e a maior parte nem quis ir ao intervalo para puder mexer e explorar

ativamente, construindo conhecimentos relativos a esta nova técnica, dominando a sua plasticidade, resistência e textura.

O professor aparece como um suporte indispensável mas menos visível e com grandes responsabilidades, por isso esforcei-me por despertar a curiosidade e o desejo de saber, através de uma motivação inicial, valorizando a originalidade e o carácter lúdico das atividades que realizei.

Na segunda planificação, para definir o conceito de silvicultura recorri à ajuda, através da visualização e toque de pernadas de árvores, bocados de cortiça, bolotas, ouriços, folhas de árvores. Penso que para além de se tornar uma atividade original e motivadora, foi bastante oportuna e importante, já que a maior parte das crianças nunca tinha visto determinadas espécies e o fato de serem verdadeiras, difere deveras da visualização de imagens na internet ou no próprio livro, houve possibilidade de exploração.

Na décima planificação, tinha demasiados conteúdos a rever e seria um pouco desmotivante elaborar uma ficha, então resolvi fazer um jogo, levando as revisões para um carácter mais lúdico, pois cabe ao professor arranjar estratégias motivadoras para tornar as aprendizagens significativas.

Na décima primeira planificação, na área da expressão dramática, solicitei aos alunos que inventassem e escolhessem elementos de uma banda fictícia (nome, canção, roupas, acessórios, coreografia), para posteriormente ser dramatizada aos colegas. Penso que o fato de ter levado roupas e acessórios tornou esta atividade original pela sua diferença e de uma forma lúdica estimulou as crianças, para os objetivos concretos da atividade.

Reitero para a importância da interdisciplinaridade nos dias de hoje na nossa sala de aula, uma vez que todas as disciplinas andam de “mãos dadas”, uma necessita da outra para o seu desenvolvimento. Para resolvermos um problema matemático temos que saber ler e interpretar o problema, para isso temos que saber interpretar textos. No estudo do meio, por exemplo para elaborarmos mapas, gráficos e tabelas temos que ter conhecimentos matemáticos para trabalhar com escalas, sistemas de medidas, conhecimentos em percentagens para saber interpretar as tabelas e os gráficos.

Desta forma nós, professores não podemos, nem devemos olhar para cada bloco de tempo que é atribuído a cada disciplina como período único e exclusivo dessa mesma disciplina, o processo de ensino e aprendizagem não pode nem deve ser fragmentado como se cada disciplina fosse uma caixinha isolada.

Para Pombo (1993, p.10) a interdisciplinaridade apresenta-se como prática de ensino que promove o cruzamento dos saberes disciplinares, que suscita o estabelecimento de pontes e articulações entre domínios aparentemente afastados.

Não trabalhando cada área curricular como uma área isolada, sempre que me foi possível dei oportunidade aos meus alunos, de construírem um saber global através da interdisciplinaridade. Houve assim um relacionando entre os conteúdos das diferentes áreas curriculares, proporcionando aprendizagens significativas.

Para que um conteúdo possa ser entendido pelo aluno o professor pode e deve combinar várias áreas curriculares, tal como afirma Pombo (1993, p.13), interdisciplinaridade é qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto.

Posto isto, na planificação número 1 usufrui do texto da disciplina de língua portuguesa, trabalhado anteriormente, para inventar exercícios e problemas na disciplina de matemática. Na planificação número 7 o fato de realizar uma atividade de expressão plástica (ovos da Páscoa com massa de sabonete) que envolveu um produto final em volume, penso ter sido importante na área da matemática, já que atividades no plano (folhas, suportes como cartões) já estão as crianças habituadas e familiarizadas.

Para estimular o cálculo mental, outra das minhas prioridades e fomentar a interdisciplinaridade, nesta mesma atividade pedi às crianças que me ajudassem a fazer os cálculos para as quantidades dos ingredientes necessários.

Quando na planificação número 8, criei um *powerpoint*, fi-lo para que se ouvisse o som antes de aparecerem as imagens, fomentando assim interdisciplinaridade entre a área do estudo do meio e da expressão musical, já que a criança para responder a questões relativas ao estudo do meio teve de usufruiu da sua acuidade auditiva.

Para Pombo (1993, p.10) a interdisciplinaridade apresenta-se como prática de ensino que promove o cruzamento dos saberes disciplinares, que suscita o estabelecimento de pontes e articulações entre domínios aparentemente afastados.

Após uma perspectiva tradicional de escola, onde o professor apenas tinha ao seu dispor giz, quadro, folhas e verbalizava todo o saber para o poder transmitir à criança, emergiu uma nova realidade, as TIC.

O homem deve ser educado num ambiente tecnológico capaz de contribuir para tornar o processo educativo mais eficaz, daí que tenha recorrido em algumas atividades ao computador existente na sala.

Na planificação número 2, para explicar melhor como se extraiu o bocado de cortiça da árvore que levei, visualizamos um vídeo no computador sobre extração de cortiça de um sobreiro, servindo-me assim de uma ferramenta didáctica apelativa para as crianças, com a qual estão familiarizadas.

Com o objetivo de introduzir o conteúdo da pecuária, na planificação número 8 na área do estudo do meio, elaborei um *powerpoint*.

Foram feitas sínteses ou esquemas no quadro, sempre que oportuno, o que considero muito importante, já que tal como reitera Ausubel (2003), as sínteses das matérias são cruciais, para colmatar aprendizagens que não foram feitas e/ou consolidar conhecimentos.

Senti em cada atividade, que desempenhei um papel determinante na formação de atitudes positivas ou negativas na sala de aula sobre os alunos, atitudes essas que vão determinar ou não o sucesso escolar.

Tendo esta consciência, como aluna estagiária tive medo de por vezes não ser tão competente como a docente da turma e prejudicar os alunos.

Contudo é essencial a realização de estágios para a formação de professores competentes pois um estágio é para aprender fazendo, experimentando e desempenhando o papel de professor.

Quando refiro este meu medo de não ser tão competente como a docente da turma, refiro essencialmente à área da matemática, na qual senti muitas dificuldades e tive um árduo trabalho de casa para as colmatar.

Numa aula de matemática, pedi aos alunos que realizassem uma ficha para reforçar uma aprendizagem recente (o  $\text{cm}^3$ ) e embora tenha havido um trabalho

prévio da minha parte em casa para entender, e pensar como explicar, no caso de haver dúvidas quando tirei uma dúvida a um aluno, explicando-lhe da forma que eu percebia, tive dificuldade em encontrar outra forma de raciocínio rápida para que ele me conseguisse entender.

Ao fim de algum tempo consegui explicar-lhe e ele conseguiu chegar ao resultado sozinho. Estas situações advêm do fato de eu própria não dominar a matéria e também não ter experiência, que me permita uma estratégia de explicação, um raciocínio diferente para dar resposta mais rápida ao aluno, o que não significa que tenha desistido e não tenha sido capaz.

Se não nos forem surgindo dificuldades em qualquer área, nunca conseguiríamos evoluir, pois significa que apenas respondemos a situações que dominamos, não havendo assim nenhuma aprendizagem, não assimilamos novos conhecimentos.

Por outro lado, é igualmente importante formular desafios para nós mesmos e confiarmos em nós próprios para conseguir evoluir, neste caso como docente.

Em todas as aulas de matemática, sempre que dava apoio individualizado, e verificava algumas dificuldades tomava nota, para posteriormente mandar o aluno que teve dificuldades ao quadro resolver esse exercício. Para mim seria mais fácil mandar ao quadro um aluno que tivesse tudo bem, não correndo o risco de não conseguir ajudar o aluno, mas penso não ser profissionalmente correcto, pois não estaria a ajudar esse aluno com dificuldades, nem a superar as minhas próprias dificuldades.

Nas últimas aulas de matemática, penso que consegui estimular o cálculo mental, desenvolver a capacidade de comunicação e desenvolver a capacidade de resolver problemas através das minhas questões de uma forma mais segura e completa, ou seja, numa só aula de matemática.

No decorrer deste estágio, considero que estive em constante aprendizagem e que desde o início a minha interação com a equipa educativa foi muito boa, bem como a minha integração na instituição, o que me permitiu sentir sempre à vontade para questionar os docentes quando senti necessidade.

Quanto ao controle do grupo e embora este tenha estado sempre controlado, melhorei no sentido de arranjar outro tipo de estratégias do que falar mais alto, ou

seja, passei a falar muito baixo, a calar-me e por os dedos nos ouvidos e até mesmo a escrever um risco no quadro por cada vez que falassem para manter o silêncio.

Relativamente a uma heteroavaliação, apenas vou poder salientar positivamente a colaboração entre mim e as minhas 2 colegas de estágio, no que se refere à troca de informações e de saberes relativos aos alunos e a atividades, pois não as observei a reger uma vez que sou trabalhadora estudante. Penso que as nossas partilhas facilitaram a continuidade educativa.

Em jeito de conclusão posso dizer que ainda há muito para aprender e o fato de ser consideravelmente exigente comigo mesma fez-me sentir “pequenina” algumas vezes que a professora Conceição me chamou à atenção, mas nunca quis que ela o deixasse de fazer, pelo contrário sempre que fazia alguma coisa que não tinha a certeza de estar correcta questioneei-a.

O mais importante foi sem dúvida o fato de me ter sentido “limitada” por saber pouco, sendo que aos poucos e poucos vou continuar a aprender, uns dias aprendo umas coisas, noutros aprendo outras, pois tenho sempre em mente o ditado: “o saber não ocupa espaço”.

Na figura 3 esquematicamente representados encontram-se discriminados todos os conteúdos trabalhados ao longo das regências bem como outros aspetos relevantes.

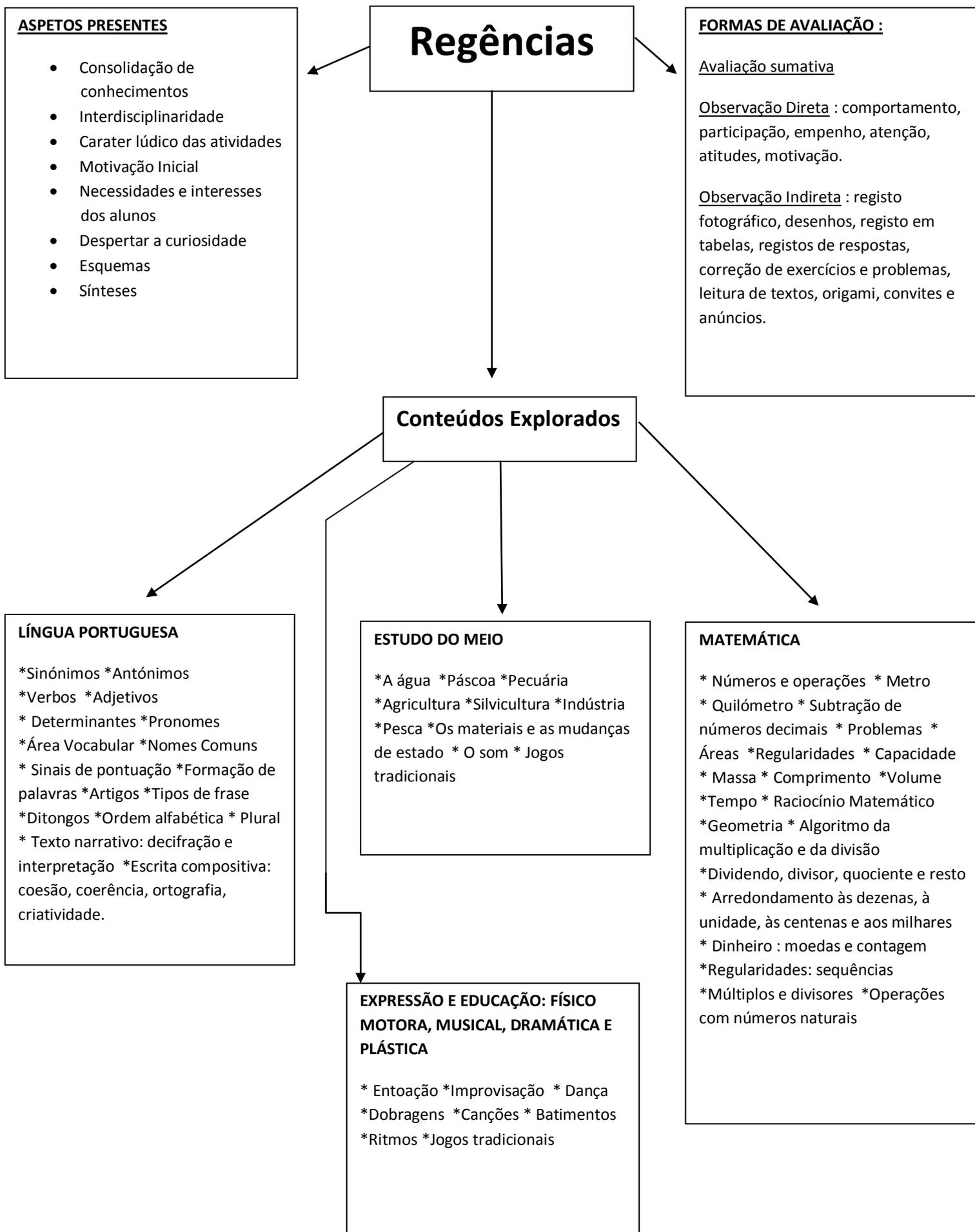


Figura 3:Regências

## Capítulo III

### Jogos Tradicionais, Jogos Intemporais

#### Título

Jogos tradicionais, jogos intemporais

#### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma reflexão sobre a relação entre a prática dos jogos tradicionais e a localização geográfica dos alunos que os praticam.

Os resultados e conclusões desta pesquisa, advêm essencialmente de uma análise dos resultados do questionário respondido por 15 alunos de uma escola do 1ºCiclo do Ensino Básico de uma área urbana (turma de estágio) e 15 de uma área rural.

São apresentadas duas intervenções pedagógicas realizadas junto dos 15 alunos da área urbana, no decorrer do estágio, de forma a contribuir para a perpetuação do património cultural dos jogos tradicionais.

Por fim apresentam-se actividades passíveis de serem promovidas pelos professores do 1ºCiclo Ensino Básico.

**Palavras-chave:** Jogos; Jogos tradicionais; desenvolvimento; área rural; área urbana; alunos.

## 1.Introdução

Enquanto brinca, a criança desenvolve saberes, resolve conflitos, experimenta sensações, lida com diferentes sentimentos e aprende a conviver e a cooperar com um grupo.

Brincar é uma realidade quotidiana na vida das crianças, e para que brinquem é apenas suficiente que não sejam impedidas de o fazer, já que é um direito que lhes assiste.

Segundo Muriscot (2006, p.71) o princípio 7º, da Declaração do Direitos da Criança, diz que:” A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientadas para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos”.

Os jogos são, sem dúvida, a forma mais natural de despertar na criança a atenção para uma atividade.

Apresentando o jogo uma vertente lúdica, deve ser incluído em todos os currículos escolares, e utilizado pelo professor como um vínculo de aprendizagem e diversão. De acordo com Muriscot (2006, p.16) “o carácter lúdico do jogo, componente essencial do mesmo, para além de diversão e satisfação, permite que as crianças adquiram novos conhecimentos de diferentes tipos e estabeleçam relações sociais e afectivas com os adultos e outras crianças”.

Da inúmera variedade de jogos que possam ser explorados e jogados pelas crianças, chamamos a atenção para os jogos tradicionais e seu valor educativo, uma vez que segundo Muriscot (2006, p.69) “a tradição popular é muito rica em jogos de todo o tipo e para todo o género de situações”.

Contudo tal como refere Guedes (s/d) estas formas lúdicas (jogos tradicionais) tendem a desaparecer. Cada vez mais as crianças dispõem de espaços livres mínimos, cada vez mais a televisão, rádio, os discos, fazem substituir o canto, as danças de roda e a prática concreta dos jogos tradicionais.

De forma a contribuir para a perpetuação do património cultural dos jogos tradicionais, o presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma reflexão sobre a relação entre a prática dos jogos tradicionais e a localização geográfica dos alunos que os praticam, de modo a mostrar onde existe necessidade de intervenção pedagógica.

## **2.O jogo e a criança**

Como referem, Ferran e Mariet (1979, p.65) “há muitas espécies de jogos, mas todas elas são “o jogo”.

Na opinião de Muriscot (2006, p.17) “os adultos, consciente ou inconscientemente aproveitam as situações de jogo que partilham com as crianças para lhes ensinar diferentes conhecimentos sobre o mundo dos objetos e o mundo das pessoas”.

Os jogos são atividades lúdicas fundamentais para o desenvolvimento da criança, por isso os adultos diretamente relacionados com a educação das crianças, em especial a família e os professores, têm a responsabilidade de ensinar às crianças jogos de qualidade.

Tal como nos é referido por Ferran e Mariet (1979, p.71) “o que importa essencialmente ao professor é determinar as funções que atribui ao jogo no seu ensino, o lugar que lhe dá na sua conduta, a exploração que ele tenciona fazer tendo em conta objetivos pedagógicos próprios”.

Ainda e segundo Muriscot (2006)

a atividade lúdica está intimamente ligada à aprendizagem. Através de situações de jogo, as crianças adquirem aspectos importantes da sua personalidade e das competências necessárias na vida adulta. Assim, por intermédio dos jogos,

as crianças exercitam os sentidos, a memória, a linguagem e o pensamento e desenvolvem-se fisicamente. Os jogos são importante, além disso, para o equilíbrio emocional e afetivo e para aprender a relacionar-se com outras crianças e com os adultos (p.69).

Sem dúvida que os jogos servem para divertir, disso não restem dúvidas.

Porém, para além desta função principal e básica de entretenimento, através dos jogos as crianças fazem sem se aperceber aprendizagens.

Neste sentido podemos dizer e tal como nos referem Ferran e Mariet (1979, p.18) que " jogar contribui para a formação intelectual sem arrastar a criança para um intelectualismo rígido: é nisso que o jogo é insubstituível dentro do processo pedagógico".

Posto isto e dado o papel crucial no desenvolvimento da criança, também os jogos tradicionais devem ser promovidos.

Como afirma Durão (2001)

a actividade lúdica é uma necessidade básica e vital da criança, pelo que se impõe a introdução dos jogos tradicionais na vida das crianças de hoje. Para as crianças que não podem nem devem trabalhar, o jogo é uma manifestação de energia que é necessário educar e canalizar. A naturalidade dos jogos tradicionais faz-nos regredir até ao passado (p.20).

## 2.1 Jogos tradicionais

Decididamente, todos nós já jogámos ao pião, à macaca ou saltámos ao eixo, tal como fizeram os nossos pais e avós.

Sousa (1997, p.45) considera que se pode definir os jogos tradicionais como formas de jogo que sempre estiveram associados a festas populares e à ocupação de tempos livres, tendo transitado, pela via oral, de geração em geração.

Como reitera Durão (2001, p.7) os jogos tradicionais são verdadeiras relíquias passado, que herdámos e temos o direito de desejarmos que passem para o futuro.

Completando a ideia de Durão, Serra (1999:809) diz que embora tradicionais os jogos não são imutáveis, variando no tempo, como as restantes componentes da cultura.

Desta forma e tal como nos refere Serra (1999)

Os jogos tradicionais são práticas duradoiras, que acontecem no decurso do processo normal de sociabilização da criança, do jovem e do adulto, vindas geralmente de tempos imemoriais, com traços culturais característicos das diferentes sociedades a que pertencem. Passaram localmente dos avós para os pais e destes para os filhos, mantendo sem quaisquer alterações um núcleo considerável de regras e procedimentos (p.808).

Muitos são os jogos praticados e como afirma Muriscot (2006, p.109) “ existe um enorme leque de jogos praticados pelas crianças, que se transmite de pais para filhos e se joga geração após geração: trata-se dos jogos tradicionais”.

Todos nós temos em mente um conceito de jogos tradicionais, contudo Guedes (1990) refere-nos que:

os jogos tradicionais, são jogos praticados em todo o mundo e desde há séculos. Pertencem tanto à história das ideias e das mentalidades, como à das práticas sociais. São como um espelho que reflecte uma civilização. Os nomes dos jogos evocam, por si mesmos, as suas características principais. São jogos cujas regras foram transmitidas de geração em geração, fazendo parte de todos os tempos e passando a pertencer à cultura dos povos (p.64).

Deste modo, os jogos tradicionais constituíram o núcleo de uma cultura infantil que não obstante todos passarem por ela, era abandonada pelos adultos ao crescer e transmitida à geração seguinte, quer oralmente, quer na concretização dos mesmos, ou seja, jogando.

Como reitera Serra (1999)

os jogos tradicionais foram e são momentos insubstituíveis de convívio, coesão social e inserção do indivíduo na comunidade. Eles permitem a identificação do jovem e do adulto com a cultura local, ajudando-os a sentirem-se membros de pleno direito dessa microsociedade. (p.12).

Segundo Durão (2001, p.16) os jogos tradicionais são mais que um simples movimento: são movimento social e cultural, são um elo de ligação entre gerações.

É-nos ainda mencionado por Guedes (1990:65) que os jogos tradicionais em Portugal trata-se de uma forma de cultura popular que, por definição, é uma cultura oral, os jogos tradicionais transmitem-se no passado, quer oralmente, quer através da sua prática.

Os jogos tradicionais proporcionam às crianças experiências valiosas de convivência com outras crianças, para além de muita diversão.

Tradicionalmente, estes jogos eram a principal atividade de crianças que dispunham de todo o espaço necessário para brincar e um bom grupo de companheiros.

Como preconiza Serra (2001)

as crenças, costumes e tradições, que transitavam, quase incólumes e intocáveis, de geração em geração, num clima de elevado respeito pelo peso da tradição, passaram a ser desvalorizadas perante a abertura da comunidade rural ao mundo e o conseqüente conhecimento de novas formas de vida e organização das sociedades (p.13).

Também nos é referido por Muriscot (2006, p.69) que “os jogos intemporais, transmitidos de geração em geração, combinam de modo divertido o desenvolvimento físico, intelectual e social”.

Por outro lado, um fato que se deve valorizar na prática destes jogos ao contrário de muitos outros, é as crianças disporem dos materiais de jogo de uma forma autónoma, uma vez que são muito simples, e podendo elas próprias fabricá-los com diversos objetos. Esta capacidade de satisfazer as suas necessidades implica um considerável reforço da autoestima e autonomia das crianças.

Neste sentido, é-nos referido por Noronha Feio (1990:78) que “as características técnico-gestuais e regulamentares de muitos jogos tradicionais, dada a sua simplicidade, são de molde a poderem ser imediatamente utilizados pelos jogadores independentemente da sua idade e sexo”.

Também Serra (1999, p.811) partilha da mesma opinião ao mencionar que a simplicidade dos jogos verifica-se na organização e nos processos de execução, na contagem dos pontos, na rusticidade dos materiais utilizados e na pouca exigência ao nível dos espaços.

Torna-se necessário, como nos salienta Noronha Feio (op cit), ensinar aos cidadãos os jogos que lhes pertencem patrimonialmente, sendo o local privilegiado deste ensino a Escola do 1ºCiclo.

### **3. Metodologia**

#### **3.1 Objetivos da Investigação**

A presente investigação pretende determinar a prática que as crianças em idade escolar do 1.º CEB de duas áreas distintas (área urbana e área rural) têm relativa aos Jogos Tradicionais, assim como averiguar o tipo de brincadeiras com as quais mais se identificam.

Neste âmbito os principais objetivos são:

1. Verificar junto das crianças questionadas qual o seu conhecimento e prática de jogos tradicionais;
2. Despertar um possível interesse na comunidade escolar para o uso de jogos tradicionais.

#### **3.2 Problemática**

O trabalho faz uma breve abordagem ao jogo infantil, centrando-se mais nos Jogos Tradicionais, procurando verificar se as crianças de hoje os conhecem, e se estão ambientadas com a sua prática.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005) a problemática é a abordagem que irá tratar os fenómenos estudados, as ideias recolhidas para se encontrar uma pergunta que estruture finalmente o trabalho de forma a criar alguma inspiração para a análise que se pretende fazer, dá à investigação a sua coerência e potencial de descoberta.

Neste sentido a problemática que se levanta neste estudo é: Será que existe relação entre a prática dos jogos tradicionais com o contexto geográfico da escola onde os alunos estão inseridos, contexto urbano ou rural?

### 3.3 Hipóteses

A hipótese fornece o critério para seleccionar, de entre a infinidade de dados que um investigador pode recolher sobre um dado assunto neste caso a relação entre os alunos do meio urbano e rural e o seu conhecimento sobre jogos tradicionais. (Quivy e Campenhoudt (2005).

A hipótese vai ser construída com base na relação das duas variáveis que se vão estudar: a prática dos jogos tradicionais como variável dependente e a escola onde os alunos estudam como variável independente.

Parece então legítimo, colocar as seguintes hipóteses:

**H** : a prática dos Jogos Tradicionais é condicionada pela escola onde os alunos estudam;

**H1**: Existe relação entre a prática dos Jogos Tradicionais e a escola onde os alunos estudam.

### 3.4 População

A população são todos os indivíduos que partilham uma dada característica, neste caso os alunos de duas escolas do 1.º CEB.

A partir de uma amostra de indivíduos pode-se descrever uma população, daí que para uma amostra representativa foram escolhidos de forma não aleatória e controlada 30 alunos.

### **3.4.1 Amostra**

A amostra deste estudo foi aleatória e controlada. Foi constituída por 30 alunos de duas escolas com diferente localização geográfica, 15 na área urbana e 15 na área rural. As suas idades estavam compreendidas ente os 6 e os 10 anos de idade.

Frequentavam maioritariamente o 4º ano de escolaridade.

## **3.5 Técnicas, instrumentos e procedimentos utilizados**

### **3.5.1 Técnica**

Fez-se uma Investigação Quantitativa por Inquérito através de Questionário. Sendo que um Inquérito é um processo de investigação que visa aumentar e/ou melhorar o conhecimento, resolver problemas e esclarecer dúvidas. Um questionário é um conjunto de questões especialmente preparadas para recolher informação mais qualitativa para o inquérito e serem objeto de tratamento estatístico descritivo (Major e Vieira, 2009).

### **3.5.2 Instrumentos**

O instrumento utilizado neste trabalho foi um questionário elaborado para este estudo com o propósito de conseguir todas as informações adequadas e necessárias para testar as hipóteses formuladas.

Houve um cuidado especial para que as questões fossem facilmente compreensíveis, claras e precisas, com o intuito de todas as crianças questionadas as interpretarem mais facilmente e de igual forma.

Para o estudo sobre a prática de Jogos Tradicionais realizada pelos alunos da Escola do 1.º CEB, procurou-se conseguir uma produção de informação que permitisse verificar alguma destas hipóteses relativas ao tema, de forma precisa e informativa.

### **3.5.3 Procedimentos**

Para a elaboração deste estudo os procedimentos adotados foram os seguintes:

- 1) Revisão Bibliográfica;
- 2) A elaboração do instrumento de trabalho;
- 3) Aplicação do questionário;
- 4) A análise das respostas obtidas;

Tendo em conta os objetivos que se pretendem atingir com este estudo, começa-se por conduzir uma revisão bibliográfica, no âmbito dos jogos tradicionais, mais precisamente a nível temporal, cultural e do uso desta herança nos diferentes contextos urbano e rural. Esta revisão permite enquadrar teoricamente o estudo, através da pesquisa, e investigação.

E na prática, pelo tratamento dos dados, a análise das respostas obtidas, possibilitando a realização de uma observação, análise e conclusão que levou à prática de alguns jogos tradicionais pelos alunos.

A construção do inquérito por questionário foi consubstanciada com a revisão bibliográfica, quer ao nível do conteúdo quer ao nível da correta formulação das próprias questões. Este questionário permite realizar o estudo sobre como é que as crianças percebem os jogos tradicionais e se os sabem colocar em prática, conseguindo-se aferir se habitualmente os jogam.

O preenchimento dos questionários foi realizado em dois dias distintos, um para a escola da área urbana e o outro para a escola da área rural, esteve-se sempre presente junto dos inquiridos com o intuito de ajudar, controlar e esclarecer dúvidas que fossem surgindo ao longo da sua aplicação e realização.

A escolha dos locais, proveio do fato de possuírem as condições ideais para o estudo que se desejava realizar, uma vez que se tratavam de duas escolas onde existem crianças com o perfil pretendido: serem alunos do 1.º CEB e encontrarem-se em duas áreas geográficas distintas e pertinentes para o efeito. Para a realização do questionário foi necessário dar conhecimento da intenção deste estudo aos encarregados de educação e solicitada a autorização para a sua concretização. Essa autorização foi declarada pelos mesmos em impresso específico (ver apêndice I), através da sua assinatura. Foi ainda garantida a confidencialidade dos dados pessoais e foram ainda informados que a recolha de informação, era no sentido de se conhecer melhor as suas brincadeiras, conforme enunciado no cabeçalho do questionário (ver apêndice II).

A seleção dos alunos que constituíram a nossa amostra incidiu numa primeira fase, sobre aqueles que se encontravam devidamente autorizados, ou seja, a totalidade dos alunos assinalados inicialmente, pois nenhum encarregado de educação declarou não permitir a realização deste estudo com o seu educando.

Na área urbana utilizei como amostra a turma na qual me encontrava a estagiar, uma turma do 4º ano de escolaridade de uma escola do 1ºCEB pertencente à área urbana da Guarda.

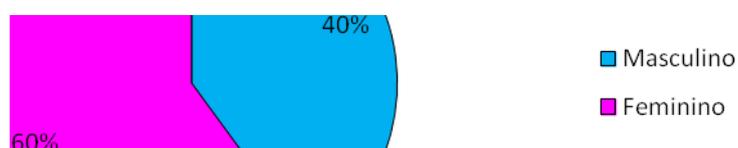
Para a área rural, foi seleccionada uma escola do 1.º CEB numa aldeia dos arredores de Celorico da Beira. Neste caso aplicou-se o questionário a alunos de diferentes anos (do 1.º ao 4.º) de escolaridade, pois o reduzido número de alunos por cada ano de escolaridade não permitia que se conseguisse o número pretendido de 15 alunos.

## 4. Apresentação e análise dos resultados dos questionários

A análise que se vai efetuar é descritiva, daí recorrer-se à estatística descritiva, pois é um estudo descritivo da amostra que se analisou.

Toda a informação contida no conjunto dos dados obtidos, resume-se na construção de gráficos (Dagnielie, 1985). Apenas uma das questões é meramente descritiva não apresentando gráfico (questão 2.1).

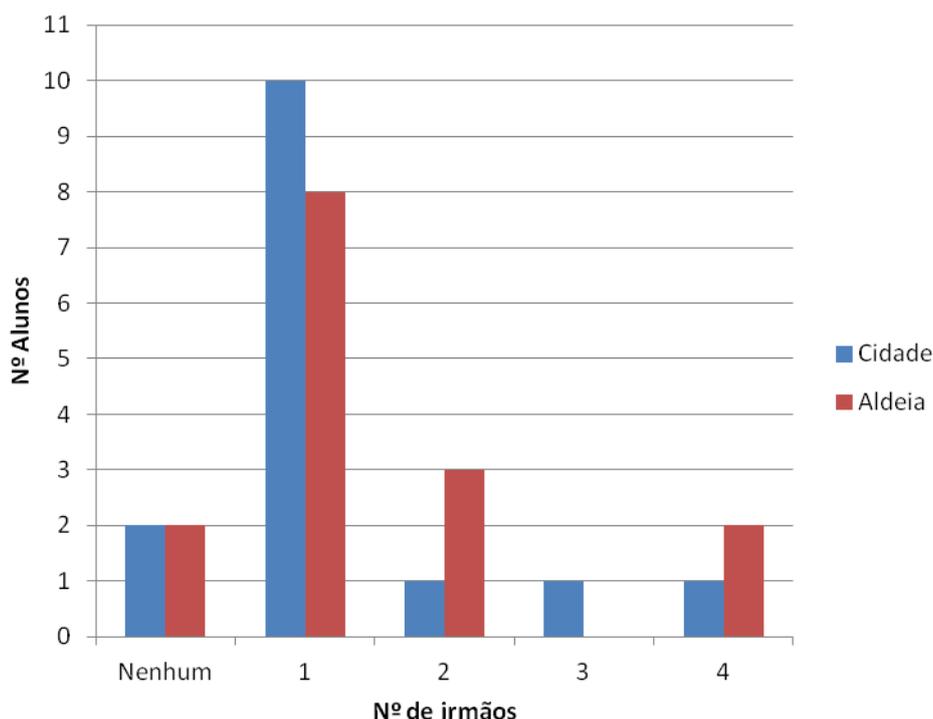
Os dados dos questionários aplicados aos 30 sujeitos da amostra do estudo serão analisados através da análise e interpretação desses mesmos gráficos.



**Figura 4: Caraterização dos alunos quanto ao sexo**

Pretende-se que a amostra seja representativa do universo em estudo, isto é, que cada estrato da amostra tenha uma proporção certa de alunos nas duas realidades, (cidade e aldeia) de forma a permitir que as conclusões obtidas possam ser extrapoladas para o estudo que se pretende.

De acordo com os dados obtidos e representados na figura 4, podemos verificar que 60% da amostra é do género feminino e 40% do género masculino.



**Figura 5: Caraterização dos alunos quanto ao número de irmãos**

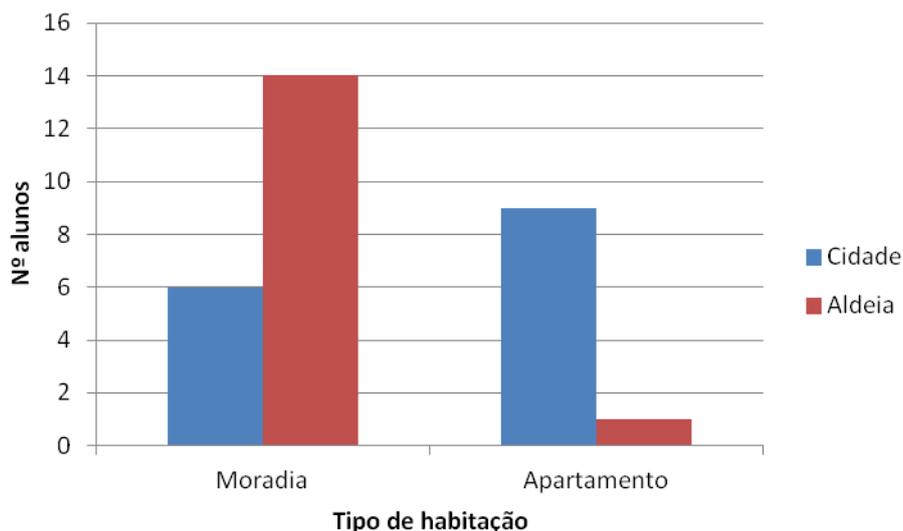
Relativamente ao número de irmãos, existe uma discrepância em relação ao local onde habitam os sujeitos da amostra. Tal como se pode verificar pela observação da figura 5, existe um maior número de irmãos por aluno na aldeia do que na cidade.

Dos 15 alunos na cidade, 10 possuem apenas um irmão, enquanto que na aldeia apenas 8 possuem um irmão.

Na aldeia 3 alunos têm 2 irmãos contrariamente à cidade onde apenas um aluno apresenta o mesmo número de irmãos.

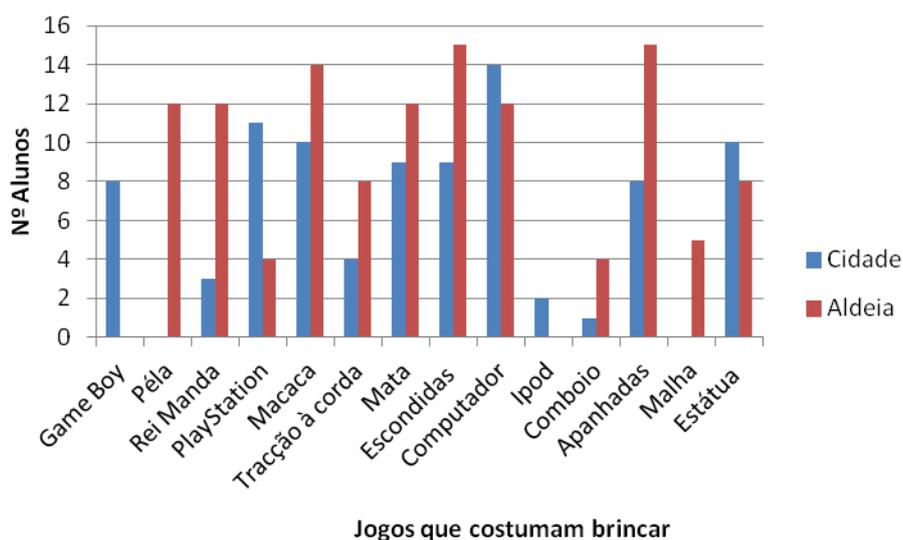
O número de irmãos mais elevado por aluno, também se encontra na aldeia, onde 2 alunos têm 4 irmãos, o que não acontece na cidade já que apenas um aluno tem 4 irmãos.

Em suma, no total de alunos com irmãos da aldeia e cidade, 4 alunos não têm irmãos e os restantes tem pelo menos 1 irmão.



**Figura 6: Tipo de habitação onde residem os alunos**

Quando se perguntou aos alunos qual o tipo de habitação onde moravam, verifica-se de forma notória que este está intimamente ligado ao local onde residem. Na aldeia apenas 1 criança respondeu que habita num apartamento, sendo que 14 habitam numa moradia, o mesmo não acontece na cidade, já que habitam 9 crianças em apartamentos e apenas 6 em moradias.



**Figura 7: Jogos que os alunos costumam realizar**

Na questão: "assinala com uma cruz os jogos que costumam brincar", e começando por comparar a diferença do número de jogadores na aldeia e na cidade de jogos tradicionais, pudemos verificar que na aldeia o jogo do comboio e do mata apresentam mais 3 jogadores cada um. O jogo da macaca e da tracção à corda são jogadas por mais 4 crianças na aldeia em relação às da cidade. Os jogos das escondidas e da apanhada são jogadas por mais 6 e 7 alunos respectivamente, na aldeia. O jogo da malha e da pela não foi assinalado na cidade em relação aos da aldeia. Por fim, o jogo do rei manda é mais jogado na aldeia do que na cidade com mais 9 jogadores. Somente o jogo da estátua é mais jogado na cidade do que na aldeia por mais 2 crianças o que não se torna significativo, depois desta análise relevante em relação aos 9 jogos tradicionais.

Os jogos não tradicionais, são mais jogados pelas crianças da cidade e no caso concreto *do game Boy* e *do Ipood*, pudemos constatar através da análise do gráfico que estes não foram assinalados pelas crianças da aldeia.

Em relação aos jogos provenientes das novas tecnologias, que proporcionam uma resposta mais sedentária e com maior possibilidade de jogar individualmente e dentro de casa, tal como a *playstation* podemos salientar a grande diferença existente entre o número de crianças da cidade que jogam este jogo (11) em comparação ao número de crianças da aldeia (4). O mesmo não acontece com outro jogo com as mesmas características, apresentando este apenas a diferença de 2 alunos, ou seja, o computador que é jogado por 14 alunos na cidade e por 12 na aldeia, o que não é uma diferença significativa.

### **Questão número 2.1**

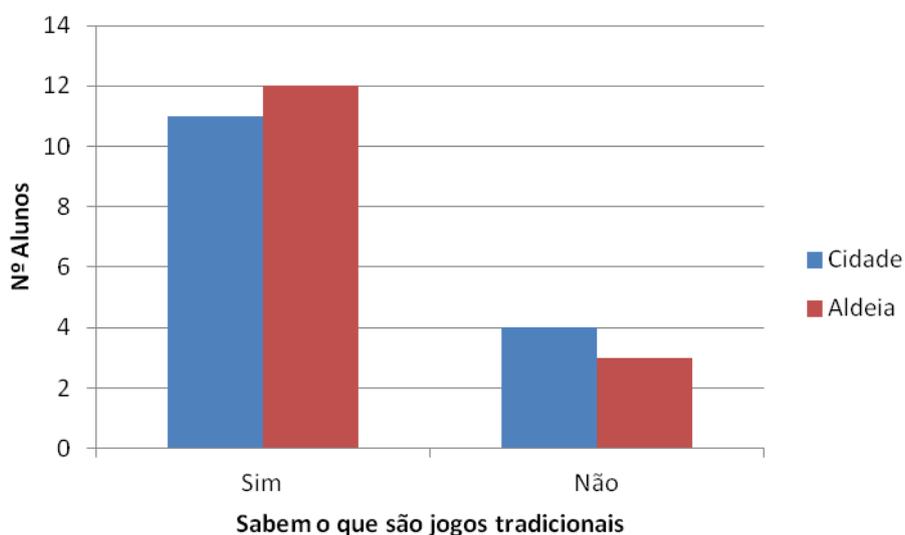
Será importante conhecer outro (s) tipo de jogo (s), que não foi referido na questão anterior ("assinala com uma cruz os jogos que costumam brincar"), mas que as crianças poderão eventualmente jogar.

Nesta questão perguntou-se às crianças se existia algum tipo de jogo que não tivesse sido referido mas que costumassem jogar pelo que surgiram diferentes jogos aos inquiridos da aldeia e da cidade, a saber:

Na cidade foram referidos os seguintes: saltar à corda (2 alunos); elástico (1 aluno); futebol (7 alunos); estica (1 aluno); pião (1 aluno); basquete (3 alunos); andebol (1 aluno); *Nintendo* (3 alunos); PSP (1 aluno); macaquinho de chinês (2 alunos) e a *Wii* (1 aluno).

Na aldeia foram nomeados os seguintes jogos: toca do coelho (4 alunos); lobo mau (4 alunos); salto ao eixo (4 alunos); quem sou eu (4 alunos); pisa pé (3 alunos); pião (7 alunos); anel (5 alunos); mosca (5 alunos); lencinho (4 alunos); telefone (6 alunos); elástico (4 alunos); feitiço livre (2 alunos).

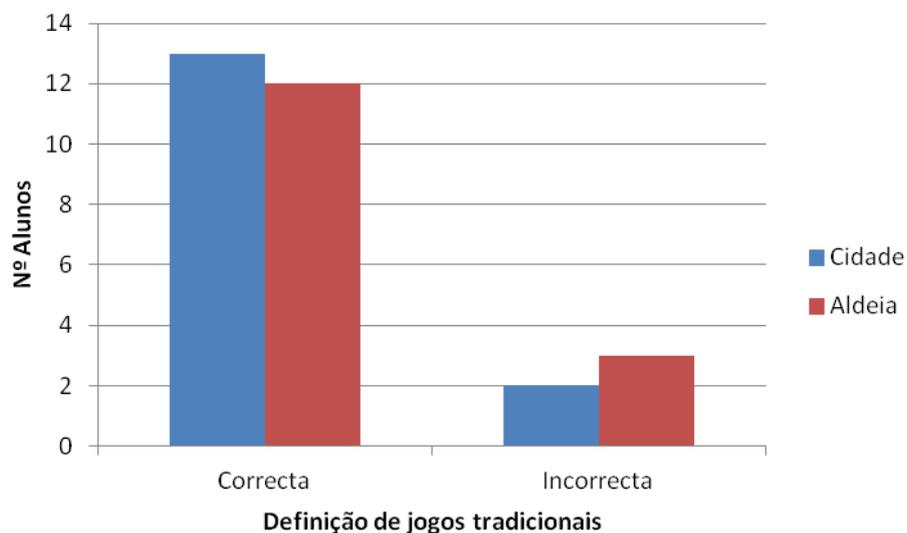
Com apenas um aluno cada foram indicados os seguintes jogos: berlinde, bonecas, glória, loto, estafeta, saltar obstáculos, futebol e *nintendo*.



**Figura 8: Respostas sobre o que são jogos tradicionais**

Em relação à questão: "sabes o que são jogos tradicionais?" 11 alunos da cidade e 12 alunos do campo responderam afirmativamente, apenas 4 alunos da cidade e 3 alunos da aldeia respondeu negativamente.

Apesar de pouco significativo existem mais alunos na aldeia que se dizem sabedores da definição de jogos tradicionais.



**Figura 9: caracterização das respostas sobre o que são jogos tradicionais**

Através da análise das figuras 8 e 9 podemos verificar que as convicções dos alunos sobre o seu conhecimento e as suas respostas, na aldeia coincidem. Uma vez que 12 alunos responderam que sim à questão anterior e os mesmos 12 acertaram na sua definição. O mesmo não acontece na cidade, já que apesar de 4 alunos terem respondido que não na anterior pergunta apenas 2 erraram na definição da mesma, sendo que 11 se mantiveram fiéis às suas convicções.

De uma maneira geral a maioria dos alunos inquiridos conhece a definição de jogos tradicionais.

## 5. Discussão dos resultados

Este estudo, possui uma componente quantitativa no que diz respeito à representação e análise dos resultados dos questionários aplicados aos sujeitos do estudo. No entanto e apesar de no questionário, onde maioritariamente o que se faz é contabilizar dados, pretende-se dar significado a essa quantificação.

Assim, é importante analisar os dados em toda a sua riqueza, revelando elementos importantes que nos permitam ir de encontro aos objetivos da presente investigação.

A análise de conteúdo, é definida por Bardin (2004, p.37) como “ um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

Neste sentido, através dos resultados dos questionários tentou dar-se resposta aos objetivos da investigação, ou seja, determinar se existe ou não relação entre a prática dos jogos tradicionais com o contexto geográfico da escola onde os alunos do 1.º ciclo estão inseridos, contexto urbano ou rural.

Pretende-se testar as hipóteses formuladas, ou seja, saber se existe ou não relação entre a prática dos jogos tradicionais e o local onde se situa a escola onde estudam.

Neste sentido e através da análise da figura 7, representativa da questão: “assinala com uma cruz os jogos que costumam brincar”, pode concluir-se que existe uma relação direta entre o tipo de jogos e o local onde estudam. De uma maneira muito significativa, os jogos tradicionais são jogados pelas crianças da aldeia e os jogos não tradicionais são mais jogados pelas crianças da cidade. Para reforçar esta conclusão, podemos salientar o fato de haver 2 jogos tradicionais na área urbana e 2 jogos não tradicionais na área rural, que não foram referenciados pelas crianças, permitindo dizer que não são realizados e /ou conhecidos.

A questão 2.1: "existe algum jogo que não foi referido mas que costumava jogar?" Teve como principal objetivo conhecer outro (s) tipo (s) de jogo (s) que não foram referidos na questão 2, ou seja, jogos que fazem parte das brincadeiras das crianças, mas que não seria possível descrever e até conhecer pois seria difícil que todos estivessem descritos na questão 2.

Analisando a esta questão verifica-se mais uma vez a relação direta entre o tipo de jogos e o meio proveniente dos sujeitos da amostra.

Dos 11 jogos nomeados pelos alunos da cidade apenas 4 fazem parte dos jogos tradicionais. São estes, o saltar à corda e o macaquinho de chinês que foram referidos como sendo jogados por 2 alunos na cidade cada um e o pião e o estica por um aluno cada. Os jogos tradicionais no seu conjunto foram referidos 6 vezes, contrariamente aos jogos não tradicionais que foram referidos 16 vezes.

Na aldeia apenas foi mencionado um jogo das novas tecnologias, a Nintendo, o qual apenas foi referido por uma criança. Dos outros 12 jogos referidos, 10 são jogos tradicionais, todos eles com um número significativo de alunos: a toca do coelho (4 alunos); o salto ao eixo (4 alunos); o pisa pé (3 alunos); o pião (7 alunos); o anel (5 alunos); a mosca (5 alunos); o lencinho (4 alunos); o telefone (6 alunos); o elástico (4 alunos), o berlinde (1 aluno), lobo mau (4 alunos).

Após a análise e discussão dos resultados obtidos foi possível confirmar as hipóteses formuladas que afirmavam existir relação entre a prática dos Jogos Tradicionais e a escola onde os alunos estudam, bem como a prática dos Jogos Tradicionais ser condicionada pela escola onde os alunos estudam.

## 6. Conclusão

Como referem Ferran e Mariet (1979, p.9) “o jogo é uma componente essencial da vida dos homens: em todas as sociedades, e, todas as épocas, existem múltiplos jogos que excitam as paixões humanas”.

O prazer gerado pela prática do jogo pode atuar como o ingrediente básico em qualquer atividade, desenvolver a coesão e uma atmosfera aberta muito mais eficaz do que qualquer outra forma, sendo assim crucial a sua prática.

Apesar do tempo de lazer das crianças na atualidade estar ocupado em boa medida pelas novas formas de diversão, como a televisão ou os jogos de vídeo, os jogos tradicionais podem ser uma fonte de prazer e de relação, embora também encontre os seus entraves.

Atualmente, a prática dos jogos tradicionais pelas crianças esbarra com diferentes impedimentos, sobretudo nas grandes cidades. Este tipo de jogos precisa, mais do que qualquer outro, de companheiros (nenhum ou apenas um irmão), tempo e espaços próprios – muitas vezes condicionados pelo tipo de habitação (prédios), sendo todos estes elementos escassos na vida de muitas crianças.

Os jogos tradicionais reproduzem os valores e cultura da sociedade a que respeitam, assim sendo, há que preservar e divulgar este tão vasto e riquíssimo património cultural, começando esse processo na escola.

Tal como nos refere Sousa (1997) os jogos tradicionais, têm um peso importante, pois para além de fazerem reviver uma prática de ocupar saudavelmente os tempos livres, respeitam as características fundamentais de cada região ou sociedade.

Com a realização deste trabalho foi possível concluir que embora a prática dos jogos tradicionais, seja mais frequente no meio rural ela pode e deve ser promovida e aplicada no meio urbano, sendo a escola um meio privilegiado para o fazer.

## **II- Proposta de uma prática docente**

De seguida, são apresentadas duas atividades que planifiquei e realizei com os alunos, relativas aos jogos tradicionais.

Apresenta-se também uma avaliação das mesmas através da observação indireta, da observação direta (através de fotografias) e de forma reflexiva.

São também igualmente apresentadas algumas propostas futuras e passíveis de ser aplicadas na escola.



### **Avaliação:**

### **Observação direta:**

Nesta regência, através de um teatro, inventado por mim, tal como se pode ver no apêndice III, introduzi o tema dos jogos tradicionais, características a eles associadas, bem como a transmissão de 4 jogos praticados posteriormente no bloco de expressão físico motora.

No final da visualização do teatro e embora não estivesse planejado atendi às necessidades e interesses dos alunos que me pediram para serem eles também a fazer o teatro de fantoches, verificando assim que os alunos ficaram a conhecer quatro jogos tradicionais, já que para reprodução a história tiveram de os nomear e explicar as regras dos mesmos.

Quando todos os alunos participaram na realização do teatro, houve um diálogo sobre os jogos de antigamente, tendo sido nomeadas algumas das suas características pelos alunos e outras por mim.

Na área de expressão motora, em grupos de cinco, todas as crianças jogaram o jogo das caricas, o jogo do sete e meio, o jogo da mosca e o jogo do rapa. Embora algumas não soubessem ainda bem as regras outras iam ajudando a lembrá-las.

### **Observação indireta:**



**Figura 10: teatro sobre os jogos tradicionais**

Através da figura 10 pode-se verificar que existe interesse de todos os alunos na atividade, ou seja, quando contei a história estavam atentos. No que se refere à atividade por eles proposta verificamos que a sua participação ativa, na mesma figura.



**Figura 11: Jogo do Rapa**



**Figura 12: Jogo da mosca**



**Figura 13: Jogo da carica**



**Figura 14: Jogo do sete e meio**

Através das figuras 11;12;13 e 14 pode-se verificar que todos os alunos jogaram de forma motivada os diferentes jogos propostos. É possível observar que quando um joga os outros estão a observá-los.

**Escola EB 1 Augusto GIL - Ano letivo 2010/2011**

**Professora Cooperante :** Professora Conceição Sousa  
**Turma:** F 12 4ºano

**Planificação nº 13**  
**Data:** 07 de Junho

<b>Área</b>	<b>Competências</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Avaliação</b>
F O R M Ç Ã O  C I V I C A  E X P R E S S Ã O  M O T O R A	Utilização de jogos de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente.	Jogos tradicionais	Conhecer a existência da associação  Perceber o conceito de jogos tradicionais	Visita à Associação de jogos tradicionais da Guarda.  Diálogo introdutório sobre a associação e os jogos tradicionais	Observação direta (reflexão)
	Participar em jogos ajustando a iniciativa própria, e as qualidades motoras na prestação, às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, com oportunidade e correcção de movimentos.			Identificar características dos jogos tradicionais  Cooperar com os companheiros procurando realizar as acções favoráveis ao cumprimento das regras e dos objectivos dos jogos.  Recitar a lenga lenga, enquanto joga	Em 3 equipas, todas as crianças irão jogar, rotativamente, o jogo do sapo, do silva e do burro  Individualmente cada criança irá jogar o jogo péla à parede, aprendendo a lenga lenga e recitando-a enquanto canta.

### **Avaliação:**

### **Observação direta:**

Para reforçar e tornar significativo a exploração do tema dos jogos tradicionais, foi realizada uma visita à associação dos jogos tradicionais da Guarda.

Foi pois através desta visita, iniciada dentro da associação com um diálogo introdutório sobre a mesma e os jogos tradicionais e de uma vertente lúdica que as crianças aprenderam mais sobre os jogos tradicionais e mais jogos tradicionais.

Previamente planeadas, foram realizadas atividades com os alunos na associação, sendo que em 3 equipas, todas as crianças jogaram, rotativamente, o jogo do sapo, do silva e do burro

### **Observação indireta:**



**Figura 15: diálogo na associação**



**Figura 16: jogo do burro**

Através da figura 15 pode-se verificar que as crianças ouviram atentamente o diálogo introdutório sobre a A.J.T e os jogos tradicionais.



**Figura 17: jogo do sapo e do silva**

Através da figura 16 e 17, verifica-se que as crianças jogaram, participando ativamente nos jogos tradicionais propostos.

### **Propostas Futuras**

- Recolha de jogos tradicionais junto dos avós;
- Elaboração de um livro de registos de jogos tradicionais recolhidos e conhecidos;
- Elaboração de alguns jogos tradicionais;
- Torneios de jogos tradicionais no final dos períodos;
- Seleção de uma tarde para ser a “tarde dos jogos tradicionais”.

## Conclusão

A realização deste estágio foi sem dúvida, essencial para a minha formação profissional enquanto docente do ensino pré-escolar e futura professora do primeiro ciclo.

Se para mim já fazia sentido e existia ligação e continuidade entre os dois níveis de ensino, tornou-se agora mais significativo uma vez que passei a conhecer de forma experimental este nível de ensino.

A realização do meu estágio numa escola de primeiro ciclo, com crianças pertencentes a esta idade escolar, foi muito gratificante, pois para além dos laços afetivos estabelecidos, fiz sem dúvida aprendizagens significativas ao longo do meu período de intervenção. Tive oportunidade de testar as minhas capacidades enquanto profissional através do contato direto com as crianças bem como do meu empenho e motivação, o que me tornou uma pessoa melhor e mais preparada para um futuro profissional.

Todo este percurso profissional foi importante uma vez que me permitiu conhecer uma realidade diferente da que vivo no meu dia-a-dia, enquanto educadora.

Penso que todos os profissionais de educação devem esforçar-se por conhecer as necessidades e interesses dos seus alunos pois eles necessitam da nossa orientação para atingir determinadas metas.

Posto isto, posso afirmar que nos cabe a nós fazer a diferença enquanto motivadores e orientadores do processo de ensino e aprendizagem.

Para finalizar posso referir que este trabalho consistiu num grande desafio para mim, contudo esse desafio não termina com a conclusão do mesmo, mas sim com o meu aperfeiçoamento.

## Bibliografia

- **Alarcão, T.** (1985). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- **Araújo, C.** (2007) *Práticas em High/Scope... relato de uma educadora*. In Educadores de Infância nº25, p.11.
- **Arends, R.** (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- **Arribas, T.** (2004) *Desenvolvimento, currículo e organização escolar*, Porto Alegre: Artmed.
- **Brás, C.** (2003). *Integração das tecnologias da informação e comunicação no ensino da Física e Química*. Consultado a 20.05.2010 em <http://www2.dce.ua.pt/docentes/ventura/ficheiros/documpdf/ant%C3%B3nio%20n%C3%B3voa.pdf>
- **Cabral, A.** (1998). *Jogos Populares Infantis*. Lisboa: Editorial Notícias.
- **Durão, M.** (2001) *Jogos Tradicionais transfronteiriços, estudo comparativo entre as actividades lúdicas de aldeia velha e navasfrias*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.
- **Dagnielie, P.** (1985). *Estatística: Teoria e Métodos*. Lisboa: Europa – América.
- **EB1 Augusto Gil** (s/d). *A Nossa Escola*. Consultado a 05.04.2011 em <http://www.eb1-augusto-gil.rcts.pt/>
- **Gleitman, H.** (2002) *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- **Ferran, P. Mariet, F. e Porcher.** (1979). *Na Escola do Jogo* Lisboa: Editorial Estampa.
- **Quivy, R. e Campenhoudt, L.** (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- **Major, M. e Vieira, R.** (2009). *Contabilidade e Controlo de Gestão Teoria, Metodologia e Prática*. Lisboa: Escolar Editora.
- **Ministério da Educação.** (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico do 1ºCEB*. (2004). Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.
- **Muriscot, L.** (2006). *Enciclopédia dos Pais – Jogos e Actividades – Parte I*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, S. A.
- **Pombo, O. e Guimarães, H.** (1993) *A Interdisciplinaridade – A Reflexão e a Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- **Salema, H.** (1997). *Ensinar e Aprender a Pensar*. Porto: Texto Editora.
- **Serra, M., Guedes, M. e Feio, N.** (1990) *ACTAS DAS JORNADAS DE REFLEXÃO “Os Jogos Tradicionais em Portugal”* Guarda: Departamento de Antropologia do Jogo da E.S.E/I.P.G. e Delegação da D.G.D da Guarda.
- **Serra, M.** (1999) *Os Jogos Tradicionais Portugueses em Portugal – As Relações entre as Práticas Lúdicas e as Ocupações Agrícolas e Pastorais*, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Site oficial da Câmara Municipal da Guarda (s/d). História. Consultado a 05.04.2011 em <http://www.mun-guarda.pt/index>
- **Sousa, M.** (1997) *Os jogos tradicionais como unidade didáctica do programa de educação física fundamentos para um plano de actividades no ensino básico mediatizado IPG*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.

## **Legislação consultada**

- Decreto de Lei nº43/2007 de 22 de Fevereiro
- Decreto de Lei nº75/2008 de 22 de Abril
- Decreto de Lei nº3/2008 de 7 de Janeiro

## Apêndices

### Apêndice I - Autorização

Somos estagiárias, da turma F12, onde o seu educando se encontra e vimos por este meio solicitar a sua autorização, para que o seu filho possa responder a alguns questionários (anónimos) no âmbito da realização de um trabalho de investigação, para o mestrado de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico que encontramos a frequentar.

Obrigada pela sua compreensão

-----

Eu \_\_\_\_\_,  
encarregado(a) de educação do(a) aluno(a)  
\_\_\_\_\_ autorizo o meu educando  
a realizar os questionários necessários à vossa investigação.

Assinatura

\_\_\_\_\_  
(Encarregado de Educação)

## Apêndice II - Questionário

Venho pedir a tua ajuda para me responderes às questões colocadas neste pequeno questionário, que foi feito no âmbito do meu Mestrado em “Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

As questões que se seguem, são para conhecer melhor as tuas brincadeiras.

### 1 – Identificação

Sexo: \_\_\_\_\_

N.º de Irmãos: \_\_\_\_\_

Moras numa Moradia ou Prédio? \_\_\_\_\_

### 2 – Assinala com uma cruz (X), os jogos que costumas brincar.

Game Boy \_\_\_\_\_

Péla \_\_\_\_\_

Rei manda \_\_\_\_\_

Play station \_\_\_\_\_

Macaca \_\_\_\_\_

Tracção à corda (corda com lenço) \_\_\_\_\_

Mata \_\_\_\_\_

Escondidas \_\_\_\_\_

Computador \_\_\_\_\_

Ipod \_\_\_\_\_

Comboio (que linda falua) \_\_\_\_\_

Apanhadas \_\_\_\_\_

Malha \_\_\_\_\_

Estátua \_\_\_\_\_

### 2.1 – Existe algum jogo que não foi referido, mas que costumas brincar?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### 3 – Sabes o que são jogos tradicionais?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

### 3.1 – Caso tenhas respondido “sim” na questão número 3, assina com uma cruz (X) a definição correcta de jogos tradicionais.

São jogos com palavras terminadas em “ais” \_\_\_\_\_

São jogos que se transmitem de pais para filhos e se jogam geração após geração \_\_\_\_\_

São jogos sensacionais \_\_\_\_\_

Obrigada pela tua ajuda! Sara

### Apêndice III - Teatro

Era uma vez, um menino, que adorava brincar. Brincava sempre que podia e a todas as horas, até se aborrecia quando não estava a brincar, até que um dia se aborreceu de brincar.

Menino - Mãe, mãe, já não quero brincar mais!

Mãe – Ai meu filho, coitadinho, estás doente?

Menino – Não, mas não quero brincar mais!

Mãe – Então mas porquê?

Menino – Porque não tenho muitos brinquedos e já estou farto de brincar sempre ao mesmo, e quero que me compres mais brinquedos, porque eu quero brincar e não tenho coisas novas para brincar.

Mãe – Oh filho, por favor! Tu tens a *Playstation2*, o *gameboy*, o *Ipod*, a *Wii*, que foram caríssimos! Tens computador que mais queres? A mãe não te pode comprar mais coisas!

Menino – Pois mas eu estou farto disso tudo!

Passados uns dias, a mãe de ver o filho tão triste e aborrecido, resolveu telefonar aos seus pais para ir passar a tarde de sábado na aldeia com eles.

Mãe – Estou, mãe, olá sou eu a tua filha, então tudo bem por ai.

Avó- Sim filha então e por ai? Quando é que cá vens?

Mãe- Mais ou menos, o seu neto ando um pouco aborrecido, não quer brincar.

Avó – Ai filha, mas isso deve ser mesmo grave, vem até cá.

Quando chegaram a casa dos avós eles, bateram à porta mas eles não estavam.

Mãe- Devem ter ido à horta, vamos até lá chamá-los.

Menino – Eu fico aqui sentado ao sol mãe.

Mãe- Está bem filho, venho já.

Avô – Olá, meu netinho!

Menino – Olá avô.

Avô – Então que cara é essa e que vozinha é essa? Ouvi dizer que andas aborrecido o que é que se passa?

Menino – Pois um bocadinho, é que já estou farto e brincar sempre com as mesmas coisas!

Avô- Pois estou a ver, estas a falar daquelas máquinas pequenas que vocês agora têm todos?

Menino – Não são máquinas avô, são para jogar.

Avô – Pois seja lá para o que for, já te cansas te delas não foi?

Menino – Pois um bocadinho e o problema é que a mãe não me quer comprar mais brinquedos porque diz que não tem dinheiro.

Avô – (gargalhada) Mas para brincar agora é preciso gastar dinheiro? Ai estas crianças de hoje em dia são tão engraçadas (gargalhada). No meu tempo, quase não havia dinheiro para comprar comida quanto mais para brinquedos e brincávamos na mesma.

Menino – Brincavam? Então como, se não havia dinheiro para comprar brinquedos.

Avó – Olha rapaz, às vezes é preciso usar a imaginação e aproveitar o que temos à mão.

Caricas, sabes o que são caricas?

Menino – Claro que sim avô.

Avô – Nós jogávamos o jogo das caricas, e era tão divertido! O avô do teu amigo Luís era o campeão, na corrida das caricas. Desenhávamos um percurso, com um início, curvas, retas e uma meta no chão. Cada jogador tinha a sua carica, identificada com o seu nome, que podia ser lançada com 3 toques de cada vez na carica. A carica não podia sair das linhas do percurso, caso contrário, o jogador dessa carica tinha de começar o seu percurso novamente. Passávamos tardes a jogar às corridas de caricas para ver que era o mais rápido, o senhor da taberna guardava-nos todas as que podia e quando não tinha clientes também jogava, dizia que também se divertia com os pequenos.

Menino – Que fixe avô, lá em casa posso guardar as caricas das garrafas de cerveja do pai e das fantás que bebe a mana e a mãe não precisa de gastar dinheiro! E mais avô o que jogavam mais?

Avô – Olha jogávamos ao 7 e meio, este era o meu preferido, eu ajudava sempre os colegas a somar os pontos, porque era muito bom a fazer contas!

Menino – Somar pontos?

Avô- Sim, para ver quem ganhava era preciso somar pontos! Desenhávamos um quadrado pequeno dentro de um quadrado grande, que estava dividido em quatro e numerado. Cada divisão valia 1,2,3,ou 4 pontos, o quadrado do meio valia meio ponto assim como todas as linhas. Aí a uns dois metros do quadrado lançávamos 3 pedras, daquelas lisinhas que há ali em baixo no rio. Ganhava quem fizesse 7,5 pontos, por isso é que se chama 7e meio.

Menino – Avô, eu sou como tu também sou bom a matemática posso ficar a somar os pontos?

Avô – Isso não sei, tens de falar com os teus companheiros de jogo!

Olha, queres saber outro jogo que também jogávamos com pedras?

Menino – Sim avô diz, diz, ensina-me a divertir-me e a jogar sem gastar dinheiro!

Avô – Era o jogo da mosca!

Menino – Ai mas isso é muito violento avô!

Avô – Violento? Então porquê?

Menino – Então porque atirar pedras as moscas pode ser perigoso!

Avô – (gargalhada) Nada disso! O jogo da mosca não tem moscas! Vou-te explicar: os jogadores colocam-se em fila e escolhe-se quem será a “mosca”, que está em último na fila e tem a função de aumentar a distância das pedras com passos maiores.

Há várias pedras em fila, que todos os jogadores têm de saltar, sem tocar. Quando, por último salta, a mosca aumenta a distância da última pedra com o seu passo, no lugar onde o seu último pé tocou é onde vai ficar a última pedra. O jogo começa novamente (do lado em que foi aumentada a pedra), perde quem não conseguir saltar a mesma distância da mosca, quem conseguir saltar mais que a mosca ganha e passa a ser a mosca.

Menino – Este, acho que não sei jogar muito bem, não estou habituado a mexer-me muito e não consigo saltar como a mosca.

Avô – Pois mas tens de te mexer mais, o exercício faz bem a toda a gente! Há um jogo muito giro, que é o rapa que se joga sentado no chão numa roda, para quando estiveres cansado!

Menino – Rapa o quê avô? Que coisa mais estranha!

Avô – O rapa, é um jogo que se joga com um peão, que tem as iniciais R (rapa), T (tira), D (deixa) e P (põe) e com feijões!

Menino – Rapa, tira deixa e põe? E tem feijões? Que esquisito avô!

Avô – Não é nada é muito divertido, quando pensas que estas quase a ganhar podes perder tudo! Cada jogador tem 10 feijões. Quando rodas o peão tens de obedecer às suas iniciais: se sair o P, pões um feijão no centro da roda, se sair o T tiras um feijão do centro da roda, se sair o D, nem pões nem tiras feijões, se sair o R, rapas todos os feijões do centro.

Menino – E quem te dava os feijões avô, também era o senhor da taberna?

Avô – Não eram as nossas mães, que traziam das hortas e quando estavam secos davam-nos alguns para brincar.

Menino – sabes avô, estou muito envergonhado.

Avô – Ai sim? Então porquê?

Menino- Porque no teu tempo não havia dinheiro, e tu e os outros meninos não tinham muitos brinquedos mas divertiam-se mais do que eu.

Avô – Pois meu amor, sabes que as pessoas habituaram-se a ter muita coisa, a serem consumistas, a terem muitos brinquedos e acabam por não dar valor ao que têm. Depois brincam com essas máquinas, e até se isolam uns dos outros, para além de quase não se mexerem.

Sabes as nossas bolas eram feitas com umas meias de farrapos!

Menino – Pois e nós agora queremos ter muitas e quando sai uma bola nova queremos tê-la logo.

Avô – Sabes é uma pena que os jogos que nós jogávamos não continuem a ser jogados por vocês, assim não passavam tanto tempo sentados e sozinhos e não se aborreciam tanto de certeza.

Menino – Avô, vou ensinar estes jogos aos meus amigos para que se possam divertir também. Vou pedir caricas, e feijões à mãe, ela vai ficar contente e eu já vou querer voltar a brincar, mas agora com uma diferença, não gasto dinheiro!

Avô – E eu vou contigo lá a baixo ao rio para irmos apanhar pedras lisas, queres?

Menino – Sim avô, obrigado.